



# ENTRE- CONTROS

INTERPOSIÇÕES ENTRE SAÚDE, ARTE E EDUCAÇÃO

Ariane Hoffmann

Willian Domenique Campos dos Santos

Daniele Noal Gai

Ágata Prates Pedroso

**Organizadores**

ENTRE: ARTESANIAS DA DIFERENÇA  
(ENCONTROS COM OS MODOS DE EXISTIR, NARRAR E  
APRENDER COM A DEFICIÊNCIA E A LOUCURA)

# ENTRE- CONTROS

INTERPOSIÇÕES ENTRE SAÚDE, ARTE E EDUCAÇÃO



© Autores, 2023

**Organização**

Ariane Hoffmann

Willian Domenique Campos dos Santos

Daniele Noal-Gai

Ágata Prates Pedroso

**Diagramação**

Willian Domenique Campos dos Santos

**Revisão**

Daniele Noal-Gai

**Capa e Contracapa**

Willian Domenique Campos dos Santos



Ariane Hoffmann  
Willian Domenique Campos dos Santos  
Daniele Noal-Gai  
Ágata Prates Pedroso  
(Organizadores)

**Entre-Encontros:**  
interposições entre arte, saúde e educação

1ª Edição

Porto Alegre  
UFRGS  
2023

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

**E61**

Entre-Encontros: interposições entre arte, saúde e educação /  
Ariane Hoffmann ... [et al]. (orgs.) – Porto Alegre: UFRGS,  
2023.  
145 p.

ISBN: 9786559733262

1. Educação. 2. Arte. 3. Saúde. I. Hoffmann, Ariane. II.  
Título

**CDU: 37:614**

Bibliotecária: Katiussa Nunes Bueno CRB-10/1924

## **COMISSÃO EDITORIAL**

**Amanda Mauricio Pereira Leite**

Universidade Federal do Tocantins – UFT

**Angela Nediane dos Santos**

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

**Marilisa Bialvo Hoffmann**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

**Patrícia Graff**

Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS

**Renata Ferreira da Silva**

Universidade Federal do Tocantins – UFT

**Tásia Fernanda Wisch**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

**Wagner Ferraz**

Universidade de Lisboa – UL

## **LISTA DE AUTORES**

Ágata Prates Pedroso – UFRGS

Alice Teixeira de Freitas – UFRGS

Ana Paula Vanoni Klein – UFRGS

Ariane Hoffmann – UFRGS

Daniel Racheli – UFRGS

Daniele Noal-Gai – UFRGS

Jéferson Alves – UFRGS

Júlia de Albuquerque Schames – UFRGS

Júlia Soares Fermiano – UFRGS

Katia Vielitz Almeida – UFRGS

Larisa Bandeira – UFRGS

Marlete Andrize de Oliveira – UFRGS; UFSCAR

Martha Elena Guedes – UFRGS

Miriam Chiara Coelho Pavan – UFRGS

Paula Cadore – UFSM

Rafaela Ayumi Hoshi – UFRGS

Rute Adriane Schaab – UFRGS

Willian Dominique Campos dos Santos – UFRGS

# Prefácio

Marilda Oliveira de Oliveira

## Palavras como estilhaços de amor

Recebi o convite da Dani para prefaciar este livro ainda em 2023 quando me contou do Projeto de Pesquisa e Extensão entre artesanias da diferença. Eis que chega o material e encontro escritas à flor da pele ou como diria Annie Ernaux, escritas como facas que vão rasgando o que encontram pela frente, abrindo valas. É assim que me sinto ao finalizar a leitura deste livro: afetada pelos relatos aqui presentes, impactada, ora pela sua aridez e dureza, ora constrangida pelos gestos racistas que como professoras ainda seguimos praticando, ora sensibilizada pelos relatos de cura que a escrita pode produzir e ora curiosa pelos movimentos na área da saúde.

A beleza da escrita é produzir esses movimentos em nós, movimentos de assombro, de captura, de sensibilização, de empatia e de escuta. Assim como a ideia de um prefácio é preparar a leitora ou o leitor para o que ela ou ele irá encontrar no que tem em mãos. Mas, como traduzir em palavras aquilo que é da ordem das sensações? Como tentar unificar, codificar histórias tão únicas?

Não, isso não é possível. As histórias não podem ser relativizadas. Elas precisam ser lidas na sua integralidade, nas suas especificidades.

Mas, talvez eu pudesse encontrar uma palavra que fosse comum a todos esses relatos e a essas histórias contadas neste livro. Se isso fosse possível (mas não tenho certeza de que seja), essa palavra seria o amor, pois somente o amor possui a potência para romper com a diferença, com a fraqueza, com a violência, com a irracionalidade e com a dor. Somente o amor é transformador e terapêutico.

Sim, são palavras como estilhaços de amor as que contêm neste livro.

Desejo a todas, todos e todes um excelente encontro de amor com esta obra.

**Apresentação:**



# Entre! Modos de narrar através da artesanania do encontro

Daniele Noal-Gai  
Ariane Hoffmann  
Willian Domenique Campos dos Santos

Este e-book é feito de encontros, de relações, de interposições, de colaborações. Pode entrar! As articulações e as intersecções possíveis entre saúde, arte e educação foram cartografadas neste conjunto de textos organizados em três seções.

Na primeira seção apresentamos as artesanias da diferença produzidas durante a 2ª Edição da Semana de Arte ENTRE, no ano de 2022. Ação com Arte mobilizada nas Redes sociais, organizada através do Projeto de Pesquisa e Extensão Entre: Artesanias da Diferença: modos de narrar, aprender e existir na deficiência e na loucura (2019), da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Um dos Projetos coordenado pela docente Daniele Noal Gai e que contou com as estudantes bolsistas de iniciação científica, que assinam esta obra como organizadoras e autoras, Ariane, Willian e Ágata.

Essa Ação com Arte do projeto foi impulsionada pela necessidade de ouvirmos relatos reais, profissionais, pessoais e singulares, sem lapidações e censuras, de corpos que vivem e convivem com a deficiência e a loucura. Não somos de quantificar, mas de qualificar narrativas através das artes, da poesia, das cartas, das escritas epistolares, das vozes.

“Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrito. Escrever, portanto, emerge como um ato político.” (KILOMBA, 2019, p. 28). Esta é a nossa forma de resistência e de denúncia. A convocação de uma escuta sensível de narrativas da diferença e uma escrita travada na vida, articuladas com análise e criação. Tudo isso compõe a nossa cartografia e artesanias do encontro.

[...] pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. O que importa é que, para ele, teoria é sempre cartografia – e, sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha (inclusive a teoria aqui apresentada, naturalmente), para isso o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. [...] o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. [...] Se é verdade que a prática do cartógrafo é política, esse seu caráter nada tem a ver com o poder, no sentido de relações de soberania ou de dominação. [...] o caráter político da prática do cartógrafo é da alçada da micropolítica e tem a ver com o poder em sua dimensão de técnicas de subjetivação – estratégias de produção de subjetividade –, dimensão fundamental da produção e reprodução do sistema. (ROLNIK, p.66-p.73, 2011).

Na segunda seção, encontram-se os ensaios analíticos escritos por estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que realizaram o seu primeiro Estágio Curricular na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Destaca-se que todas as estudantes autoras cursaram o Estágio de Docência I: Educação Especial, Processos e Práticas, estagiaram em espaços educativos de cuidado integral e saúde mental vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS) e foram orientadas pela Professora Daniele.

O referido estágio ocorreu durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE), o que levou as estagiárias a produzirem planejamentos e ações pedagógicas adequadas para serem desenvolvidas através de plataformas virtuais, pois se tratava de um período de pandemia de COVID 19, com exigência de estudos e práticas realizadas à distância. As estudantes descrevem nestes textos, entre os anos 2021 e 2022, os desafios de encontrarem-se com o campo e a atuação em educação especial, fizeram leituras e aprofundaram conhecimentos acerca das Diretrizes e Políticas de educação, educação especial e saúde, que garantem

direitos educacional e de saúde às pessoas com necessidades educacionais especiais ou pessoas com deficiência (BRASIL, 2008; 2015).

A última seção é composta por textos descritivos: de experiência no campo da saúde mental asilar, encontros com pessoas em cuidados por adição; e a necessidade de uma ética colaborativa no fazer em educação especial e saúde mental. Sinta-se à vontade para entrar e sair dos textos, para livre pensar, sempre que julgar necessário. Neste e-book nosso convite é para entrar, ficar entre, e encontrar argumentos para a defesa da saúde, da arte e da educação antimanicomial e anticapacitista.

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. Ministério da Educação. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. PNEEPEI. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

NOAL-GAI; Daniele. **Entre Artesanias da Diferença: modos de existir, narrar e aprender com a deficiência e a loucura**. Projeto de Pesquisa e Extensão. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. FACED/UFRGS, 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

## SUMÁRIO

<b>Prefácio:</b> .....	<b>8</b>
<i>Marilda Oliveira de Oliveira</i>	
<b>Apresentação: Entre! Modos de narrar através da artesanaria do encontro</b> .....	<b>10</b>
<i>Daniele Noal-Gai, Ariane Hoffmann e Willian Domenique Campos dos Santos</i>	
<b>Seção 1: 2ª Semana de Arte ENTRE 2022</b> .....	<b>16</b>
<b>1.1 Carta ao Entre: Gurias na Ciência</b> .....	<b>17</b>
<i>Daniele Noal-Gai, Ariane Hoffmann e Ágata Prates Pedroso</i>	
<b>1.2 Carta ao Tempo</b> .....	<b>21</b>
<i>Martha Elena Guedes</i>	
<b>1.3 Educadoras e uma caixinha de cartas</b> .....	<b>23</b>
<i>Ariane Hoffmann, Ágata Prates Pedroso, Daniele Noal-Gai e Júlia Soares Fermiano</i>	
<b>1.3.1 Para Leisylayne, em algum dia de 2032</b> .....	<b>24</b>
<i>Larisa Bandeira</i>	
<b>1.3.2 Carta de Confissão</b> .....	<b>27</b>
<i>Ágata Prates Pedroso</i>	
<b>1.3.3 Questão Convite: o que pode uma pedagoga que cria?</b> .....	<b>29</b>
<i>Katia Vielitz Almeida</i>	
<b>1.4 Pesquisadoras</b> .....	<b>30</b>
<b>1.4.1 Carta às Pesquisadoras do Entre</b> .....	<b>31</b>
<i>Ariane Hoffmann</i>	
<b>1.4.2 O Andar do Bêbado</b> .....	<b>34</b>
<i>Daniel Racheli</i>	
<b>1.4.3 Às pessoas do Entre</b> .....	<b>36</b>
<i>Jéferson Alves</i>	
<b>1.5 Convite a contar a clínica</b> .....	<b>39</b>
<b>1.5.1 “Seria tropeçar ou existir o pecado causador de tamanho infortúnio?”</b> 40	
<i>Marlete Andrize de Oliveira</i>	
<b>1.6 Corpo; Loucura; Sentir e Estar no Mundo</b> .....	<b>42</b>
<b>1.6.1 Carta sem pé nem cabeça – o desejo de construir um corpo</b> .....	<b>43</b>
<i>Paula Cadore</i>	
<b>Seção 2: Ensaio Analítico de Estágio</b> .....	<b>46</b>
<b>2.1 Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij)</b> .....	<b>47</b>
<b>2.1.1 O papel do pedagogo em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij) – experiência de estágio</b> .....	<b>48</b>
<i>Willian Domenique Campos dos Santos</i>	
<b>2.1.2 A experiência do estágio curricular do curso de Pedagogia dentro da área da Saúde Mental Infantojuvenil</b> .....	<b>55</b>
<i>Alice Teixeira de Freitas</i>	

<b>2.2 Centro de Atenção Psicossocial Adulto.....</b>	<b>62</b>
<b>2.2.1 Experiência de estágio obrigatório em um Centro de Atenção Psicossocial Adulto: Possibilidades e Atuação da Pedagogia na Saúde.....</b>	<b>63</b>
<i>Júlia de Albuquerque Schames</i>	
<b>2.2.2 Relatos e (re)significados da atuação pedagógica em um Centro de Atenção Psicossocial Adulto.....</b>	<b>70</b>
<i>Ana Paula Vanoni Klein</i>	
<b>2.2.3 Estágio obrigatório em um Centro de Atenção Psicossocial Adulto: experiência no atendimento remoto em saúde.....</b>	<b>75</b>
<i>Miriam Chiara Coelho Pavan</i>	
<b>2.3 GerAção/POA – Oficina Saúde e Trabalho.....</b>	<b>80</b>
<b>2.3.1 Experiências de uma discente da pedagogia na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).....</b>	<b>81</b>
<i>Ágata Prates Pedroso</i>	
<b>2.3.2 O GerAção e a Pedagogia: trabalho, economia solidária e saúde mental.....</b>	<b>88</b>
<i>Rafaela Ayumi Hoshi</i>	
<b>2.4 Pedagogia na Saúde e Diário de Estágio: Possibilidades e Desafios da Área de Educação Especial.....</b>	<b>99</b>
<i>Daniele Noal-Gai</i>	
<b>Seção 3: Outros Encontros.....</b>	<b>111</b>
<b>3.1 Narrativas em Saúde Mental: uma oficina de escrita com mulheres em tratamento por adição.....</b>	<b>112</b>
<i>Willian Dominique Campos dos Santos, Daniele Noal-Gai e Rute Adriane Schaab</i>	
<b>3.2 Atenção à aprendizagem dos estudantes com deficiência: ações colaborativas entre educadores da sala de aula comum e educadores do Atendimento Educacional Especializado.....</b>	<b>129</b>
<i>Daniele Noal-Gai</i>	
<b>Sobre as autoras e os autores.....</b>	<b>141</b>

**Seção 1:**  
**2ª Semana de Arte**  
**ENTRE - 2022**



# 1.1

## Carta ao Entre: Gurias na Ciência

Daniele Noal-Gai  
Ariane Hoffmann  
Ágata Prates Pedroso

Qual o perigo? Nós corremos perigo, você corre perigo, mas eles também. Escolher conversar sobre diferenças a partir da perspectiva do outro é perigoso, eles correm o risco de contarmos a verdade, contarmos o que ouvimos e tecemos a partir da sensibilidade. Nós do Entre, não falamos sobre quantidades, mas sobre quais qualidades estão sendo suprimidas e exploradas, sobre quais qualidades as humanidades deveriam ter como cerne para não sucumbir em momentos difíceis de dúvida e suspeita até da própria sombra. O medo do lado de cá, é de que esses movimentos de ódio se tornem cíclicos e que precisemos nos preparar, a cada cem anos, para manter todas as conquistas e não perdermos as pessoas que amamos no processo. O medo do lado de lá é que cartas como as nossas sejam lidas. Qual a intenção da autora ao escrever uma carta? Quem escreve, escreve sempre para alguém? O que pode e o que não pode uma carta? As cartas têm potencial de nos ensinar algo? Esses são alguns dos questionamentos que permeiam o pensamento ao sentar face a face com um papel e caneta e fazer o movimento de olhar internamente para o nosso desconforto e romper o silêncio de uma existência árdua, conflituosa e por vezes não tão bonita mas persistente. Desejamos que você possa fazer uma pausa (ou tomar um impulso) para ler esta carta dessas mulheres pesquisadoras quem vos escrevem e que se permita ser afetado pela indignação, raiva, carinho, esperança, cansaço, energia, tensão, medo, alegria, surpresa ou qualquer outro sentimento que consiga nomear, mas que se entregue à trama de teias das narrativas que por muito tempo estão tecidas pelo nosso país de forma solitária e que precisam ser lidas, vistas e ouvidas para mudar o foco da atenção e

problematização dos aspectos que permeiam nossos pensamentos e práticas por tanto tempo. Acima de tudo, desejamos que essas cartas celebrem as múltiplas nuances de existir no mundo.

E então? Isso é arte? Isso não é arte? E arte? Arte? Ah. Sim. Arte! E pode ser Artesania. Que para nós, neste projeto de pesquisa e extensão, o Entre Artesanias da Diferença: modos de existir, narrar, aprender na deficiência e na loucura, é uma Artesania do pensamento. Memória do tempo. Construção de testemunho. Memória de criação. Testemunho de arte acontecendo. Testemunho de escrita se agenciando. Aquilo que dá a ver a “maquininha de plástico de costura” da Conceição Evaristo tramando linhas de escrita. Também os post it da Sandra Mara Corazza que se grudam em palavras, risquinhos, setas, livros, pareceres, cadernos e blocos em que compõe seus arquivos de escrita. Fazendo como Maura Lopes Cançado, vamos dar os nomes aos bois, em escritura nomear a loucura que é ainda escrevermos sobre e a partir de enquadramentos. Diz Maura “esperando, esperando, esperando; em um mundo cada vez mais fantástico, estranho; desde menina esse encarceramento me sufoca”. Nesta semana de arte ENTRE de 2022 elas escrevem juntas. É com a sensação de que o ano passado foi imenso e intenso, que este ano foi de sobrevoos e muitos inícios, ainda assim fizemos o investimento de pesquisa e criação da 2ª semana de arte ENTRE. As leituras em voz alta, as línguas, as expressões, os conceitos, o inglês, o espanhol, o nosso português, a escrita filosófica, a escrita das artes e da poesia – atravessam o ENTRE. Com Audre Lorde, com Corazza, com Evaristo, com Rolnik e outras. Com a Escrevivência, a Escrileitura, a Escrita Artesania, é que inventamos frases e trocamos umas com as outras Cartas, e com algumas convidadas. Entre Escritas e Vozes, com Narrativas, Narratividades, pois narrar importa, narrar-se, neste contemporâneo, ainda importa. Uma proposta que se posiciona contrariamente a uma política de morte e totalmente a favor das memórias, dos testemunhos e das vidas. Por uma Semana de Arte da Narrativa como Obra de Arte. Transcrevendo, tocamos, musicamos, compomos, colocamos harmonia e voz em história impúblicáveis, tolhidas, silenciadas e

censuradas. Seguiremos tratando da deficiência e da loucura como potência. Seguiremos tratando da docência como potência. Seguiremos a pesquisa e a ciência com arte. Seguimos a pesquisa com arte, a escrita das artesanias como obra. Que a coragem nos faça criar, é nosso poder. Vamos trocar Cartas?



Imagem 1: Imagem com papel de carta amassado ao fundo com o logo da Segunda Semana de Arte ENTRE no canto esquerdo superior. Ao centro, o print do vídeo onde Daniele, mulher branca, com cabelos loiros e blusa preta, narra uma parte da Carta Entre. Publicação no Instagram – Carta Entre: Gurias na Ciência – Dani Noal



Imagem 2: Imagem com papel de carta amassado ao fundo com o logo da Segunda Semana de Arte ENTRE no canto esquerdo superior. Ao centro, o print do vídeo onde Ágata, mulher branca, com cabelos ruivos e blusa preta, narra uma parte da Carta Entre.



Imagem 3: Imagem com papel de carta amassado ao fundo com o logo da Segunda Semana de Arte no canto esquerdo superior. Ao centro, o print do vídeo onde Ariane, mulher branca, com cabelos loiros e blusa listrada, narra uma parte da Carta Entre.

Publicação no Instagram – Carta Entre: Gurias na Ciência

À Convite, a Professora Martha Elena Guedes, compartilhou conosco a sua Carta em resposta à carta de apresentação do Grupo Entre!

## Carta ao tempo

Martha Elena Guedes

*Tempo que me remete as reflexões...*

*O que sobrou dessas reflexões? São os meus pensamentos, minha sensibilidade, minha capacidade de doação, mas por mais adjetivos que eu insira nesta descrição todos são inúteis, perante a fato que isso não serve para muita coisa, não é mesmo.*

*Então, qual a essência e o caminho a tomar? Elevar-se ao posto de observadora. Observar e ser qualificada como coadjuvante (espectadora) desse filme a qual chamamos de Vida.*

*Ou ser protagonista através de minha Arte.. Isso que me dá sentido de viver. Apenas neste momento sinto que posso criar e gerar algo significativo e importante para o meu mundo. E deixar algo demarcado neste tempo em que viverei sobre a Terra.*

*Para alguns, isso não será muito, quase nada. Infimo grão de areia no deserto.*

*Mas onde está a essência, no sofrimento? Na continuidade, na dualidade, entre a "luz e a sombra", no "bem e mal", no "ser ou ter", no "yang e yin", no "positivo e negativo", na "fé e descrença", ou no homem e na mulher?*

*Mas no futuro estaremos nos tornando indivíduos assexuados. Não mais polos separados que buscam a parte do todo. Mas indivíduos assexuados e assépticos para que não haja contato interno afetivo. Simplesmente máquinas. O que chamaremos de "admirável mundo novo" (Aldous Huxley). Já estamos vivenciando este momento, em que as máquinas hoje nossos brinquedinhos interativos, sem muito pânico, envolve passivamente nossos sentidos. No futuro distante será verdadeira simbiose de homem/máquina, pequenos "chips" embutido em nossos corpos. Tornaremos zumbis de nossa insensibilidade.*

Imagem 5: Captura de tela da segunda página da carta enviada pela Educadora Martha Elena Guedes e, ao final, uma colagem com flores, folhas e um pássaro ao fundo Centraliza a imagem consta a seguinte frase: Livros são asas... Voe! (Técnica: Mista e Colagem de folhas de livros sobre parede. Data: 2021)

Imagem 4: Captura de tela da primeira página da carta enviada pela educadora Martha Elena.

*Bem, pelo menos não estarei viva para presenciar estes acontecimentos. Mas fico triste em pensar que tudo que foi construído e inventado de bom pelo homem, até mesmo essência do divino não estará presente neste momento.*

*Então, nestes tempos de informatização, não levaremos muitos os sentimentos para estas cabines, apenas o ato de copular através da visão. Impregnaremos nossos cérebros de informações para resgatar o sentido de prazer esquecido e estagnados de significado.*

*É meu amigo, não me veja como uma descrente. Sou uma realista e a realidade é dura, fria, feia e insensível. Por mais não queiramos estamos nos tornando indivíduos insensíveis.*

*E esta insensibilidade advém de nosso dia-a-dia duro, infrutífero estéril de prazer, afeto, de contato com o outro. Esse outro indivíduo que estende a mão e nós a rejeitamos. Pois não apreciamos sua essência. Sentimo-nos desconfortáveis dentro de nós mesmos. O que representa esse desconforto está angústia. São nossas insatisfações como aquilo que deveria ser mais importante em nossas vidas amar o próximo como a si mesmo. Então, tratamo-nos como tratamos o próximo, anulamos nossos sentidos. E apenas viveremos passivamente de migalhas...*



Técnica: Mista e Colagem de folhas de livros sobre parede  
Data: 2021  
Dimensões: 7m x 2m 80cm

# 1.2

## Carta ao Tempo

Martha Elena Guedes

Tempo que me remete às reflexões...

O que sobrou dessas reflexões? São os meus pensamentos, minha sensibilidade, minha capacidade de doação, mas por mais adjetivos que eu insira nesta descrição todos são inúteis, perante o fato que isso não serve para muita coisa, não é mesmo.

Então, qual a essência e o caminho a tomar? Elevar-se ao posto de observadora. Observar e ser qualificada como coadjuvante (espectadora) desse filme ao qual chamamos de Vida.

Ou ser protagonista através de minha Arte... Isso me dá sentido e vontade de viver. Apenas neste momento sinto que posso criar e gestar algo significativo e importante para o meu mundo. E deixar algo demarcado neste tempo em que viverei sobre a Terra.

Para alguns, isso não será muito, quase nada. Ínfimo grão de areia no deserto.

Mas onde está a essência? No sofrimento? Na continuidade, na dualidade? Entre a “luz e a sombra”, no “bem e mal”, no “ser ou ter”, no “yang e yang”, no “positivo e negativo”, na “fé e descrença”, no homem e na mulher?

Mas no futuro estaremos nos tornando indivíduos assexuados. Não mais pólos separados que buscam a parte do todo. Mas indivíduos assexuados e assépticos para que não haja contato interno afetivo. Simplesmente máquinas.

O que chamaremos de “admirável mundo novo” (Aldous Huxley). Já estamos vivenciando este momento, em que as máquinas hoje são nossos brinquedinhos interativos, sem muito pânico, envolve passivamente nossos sentidos. No futuro distante será verdadeira simbiose de homem-máquina, pequenos “chips” embutidos em nossos corpos. Tornamo-nos zumbis de nossa insensibilidade.

Bem, pelo menos não estarei viva para presenciar estes acontecimentos. Mas fico triste em pensar que tudo que foi construído e inventado de bom pela humanidade, até mesmo a essência do divino não estará presente neste momento.

Então, nestes tempos de informatização, não levaremos muitos sentimentos para estas cabines, apenas o ato de copular através da visão. Impregnaremos nossos cérebros de informações para resgatar o sentido de prazer esquecido e estagnados de significado.

É meu amigo, não me veja como uma descrente. Sou uma realista, é a realidade, ela é dura, fria, feia e insensível. Por mais que não queiramos, estamos nos tornando indivíduos insensíveis.

E esta insensibilidade advém de nosso dia-a-dia duro, infrutífero, estéril de prazer, afeto, de contato com o outro. Esse outro indivíduo que estende a mão e nós a rejeitamos. Pois não apreciamos sua essência. Sentimo-nos desconfortáveis dentro de nós mesmos.

O que representa esse desconforto é a angústia. São nossas insatisfações com aquilo que deveria ser mais importante em nossas vidas: amar o próximo como a si mesmo. Então, tratamo-nos como tratamos o próximo, anulamos nossos sentidos. E apenas viveremos passivamente de migalhas...

Publicação no Instagram - Carta ao Tempo

# 1.3

## Educadoras e uma caixinha de cartas

Ariane Hoffmann  
Ágata Prates Pedroso  
Daniele Noal-Gai  
Júlia Soares Fermiano

A importância da educação, da arte e da saúde não podem ser sobrepostas ou exageradas. Ambas áreas e fazeres desempenham um papel relevante e crítico na formação da vida de indivíduos e comunidades, determinando suas oportunidades e influenciando seu bem-estar geral. Reunimos uma coletânea de cartas que refletem e narram a experiência de trabalhar na intersecção dessas áreas. Essas cartas fornecem uma visão única de como pessoas de diferentes origens e perspectivas entendem e valorizam esses aspectos que compõem a vida. Os textos escritos oferecem uma variedade de perspectivas, desde experiências pessoais até observações sociais, e lançam luz sobre os desafios, oportunidades e aspirações que cercam a docência.

As cartas incluídas nesta caixinha dos correios – chamada de Semana de Arte ENTRE 2023 – fornecem uma porta para as diversas experiências das pessoas ao longo do tempo e dos lugares. Quer sejam escritas por estudantes, pais, educadoras, pesquisadoras ou profissionais de saúde, elas oferecem uma visão íntima das formas pelas quais educação, arte e saúde se cruzam e se informam. Através de suas palavras, podemos ver o impacto desses dois importantes elementos da vida nas pessoas que as escrevem e nas comunidades em que vivem. Essas cartas servem como um testemunho da importância da educação, da arte e da saúde, e das muitas maneiras pelas quais elas moldam nossas experiências e o mundo ao nosso redor.

# 1.3.1

## Para Leisylayne, em algum dia de 2032.

Larisa Bandeira

Querida Leisy, esperamos que estejas bem e sobrevivido aos intensos e profundos processos de exclusão, discriminação, crueldade, micro e macro agressões que tão cedo te foram impostos. Esperamos que tenha sido mais forte do que pudéssemos imaginar em 2022 perante os teus seis anos, frente às tuas pernas finas, tuas roupas doadas pela patroa de tua mãe, e de teu cabelo “desgrenhado” que teimosamente fugia das “chuquinhas”, que tão habilmente empenhadas em te tornar “arrumadinha”, fazíamos no alto de tua cabeça. Esperamos que tenha conseguido não te dar conta das inúmeras vezes que te trataram diferente em função de tua cor, nas filas que tenha enfrentado em tua vida, nos atendimentos médicos, ou em alguma loja, ou de teus próprios vizinhos, que como nós, não disfarçaram o nariz torcido e o olhar de desaprovação. Sabe Leysi que mesmo que tenhamos a cor da pele muito mais próxima da tua, do que dos outros muitos tons dos lápis que haviam na caixa de cores da pele, ainda assim, reproduzíamos contigo, o que muitas vezes, vivemos em nossas infâncias. A permanência cotidiana e insistente em toda a tua rotina, a despeito de “nossas melhores intenções” de tentar te fazer parecida com aquilo que achávamos que tu deveria ser, também foi vivida por nós, em maior ou menor intensidade. Lembramos hoje de tua mãe, que chamávamos de “barraqueira”. Lembramos do quanto ela levantava a voz quando desconfiava que não dávamos a ela, a mesma atenção que dispensamos às outras mães. Ou quando ela achava que percebia alguma injustiça no modo como tratávamos você, como por exemplo, quando você veio com uma guia no pescoço e não percebemos que teus colegas arrebetaram e te chamaram de “negrinha

batuqueira”, só percebemos quando as miçangas azuis e brancas estavam espalhadas na terra do pátio, que já estava molhada com o teu choro silencioso. Tua mãe gritou conosco, dizendo que não era possível entender como não a protegemos. Para nós era bem pretensioso ela falar de proteção, logo ela que em um ano teve tantos namorados, não que isso fosse de nossa conta, mas não tinha como não reparar, as roupas justas que deixavam todas as curvas do corpo aparecendo e o batom vermelho. “De batom, até para ir trabalhar, às 7:30, já está de batom vermelho”, não foram poucas as vezes que repetimos isso com nossas bocas descoradas. Lembramos quando você apareceu com uma mochila nova e logo pensamos que poderia ser bem suspeito você ter algo novo, que não fosse de segunda mão. Como mulheres estávamos em um lugar no qual podíamos julgar, selecionar, reproduzir diferentes modos de violência, com as melhores das intenções, que se não eram pedagógicas, eram morais, eram para te tornar aceita, para que não fosse “barraqueira”, para que se tornasse “educada”, para que teu cabelo não ficasse desganhado, para que tu te acostumassem a ser preterida e a brincar sozinha sem reclamar dos teus colegas que te evitavam, de muitos modos te ensinamos que teu corpo deve ficar em alerta constante, ou melhor, invisível, para que não fosse surpreendida com a naturalizada violência com a qual poderiam te tratar, te iniciamos nas primeiras práticas racistas vividas pelas crianças. Contribuímos para que cada vez que tu te olhes no espelho, tenhas uma imagem distorcida de ti, de tua pele e de tua aparência. Ainda assim, e apesar disso, esperamos que estejas bem, que tenha conseguido te manter saudável e que tenha aprendido conosco e especialmente com a tua mãe, a ser uma jovem mulher negra nesse país. País com um futuro ainda desconhecido para nós em 2022, e que esperamos, que se torne um lugar mais digno, inclusivo e democrático. No qual a formação de professores seja antirracista, e que “os insultos, as indignidades e as mensagens humilhantes passadas às pessoas não brancas por indivíduos que não têm consciência da natureza ofensiva de suas palavras ou ações” (SUE, 2021), não sejam mais aceitas. Esperamos também, que em 2032 já tenhamos rompido com a produção exaustiva da doença crônica do racismo em nossas salas de aulas.

Com esperança que tenhas sobrevivido a nós, abraços de tuas professoras da Educação Infantil.



Imagem 1: Captura de tela da capa do vídeo de narração da Carta de Larissa Bandeira. Fundo de papel amassado, logo da Segunda Semana de Arte: Entre! centralizado na página e o título da carta está escrito na parte inferior à logo: Carta para Leisylayne.

[Publicação no Instagram – Carta Para Leisylayne](#)

# 1.3.2

## Carta de Confissão

Ágata Prates Pedroso

Sempre me senti pessoalmente atacada ao ser convidada a partilhar uma ideia, uma opinião ou mesmo um sentimento. Como se ao abrir uma porta para a minha bagunça interna, eu imediatamente me colocasse em modo de vulnerabilidade e exposição.

Penso em mim exposta como um quadro em um museu de arte, onde um observador examina minuciosamente a tela e tenta compreender do que é feita a obra, quais as ferramentas utilizadas e as técnicas escolhidas para chegar nesse arranjo. Nessa carta, sou tanto a tela quanto o observador e me assusto (e em partes me ofendo) ao perceber que sou resultado de acasos, acidentes, tropeços e experimentações.

Ainda assim, me posiciono como mulher, mãe, jovem estudante, trabalhadora, brasileira e sobretudo professora, que aprende e ensina diariamente cuidando o chão em que pisa.

Com toda a minha força e também inseguranças, me derramo nessa escrita para contar um pouco da minha trajetória como pertencente de um projeto de ensino, pesquisa e extensão que diariamente me toca e me revira do avesso, na intenção pretenciosa de que a partilha potencialize a transformação de vidas que pulsam arte, que pensam e fazem uma educação que transgride, que indigna, que grita, que canta e que amolece os corpos.

Portanto, cara pessoa que me lê agora, lhe faço um convite para que assim como eu, você também abra uma brecha para o desconforto ao compartilhar

suas inquietações tamanhas e se exponha no nosso museu de narrativas, onde temos esse espaço em que nos desencantamos e nos encantamos novamente com a nossa luta constante e que nos une como um fio de lã invisível que volta e meia é tensionado, mas que resiste.

Porto Alegre, 19 de outubro de 2022.

Com afeto, Ágata Prates Pedroso

# 1.3.3

## questão convite: o que pode uma pedagoga que cria?

Katia Vielitz Almeida

escrever uma carta exige em mim um movimento parecido com sentar na beira de um rio. observar esse fluxo incessante. que corre dentro de nós também. para escrever uma carta eu preciso pescar alguma coisa viva, que remexe, que me inquieta.

o que pode uma pedagoga? essa é a pergunta que segue ressoando, instigando.

se o que construímos ao longo da vida é uma grande costura entre experiências, seria essa nossa obra de arte? o que nossa classe, de educadoras, tem alinhavado por aí?

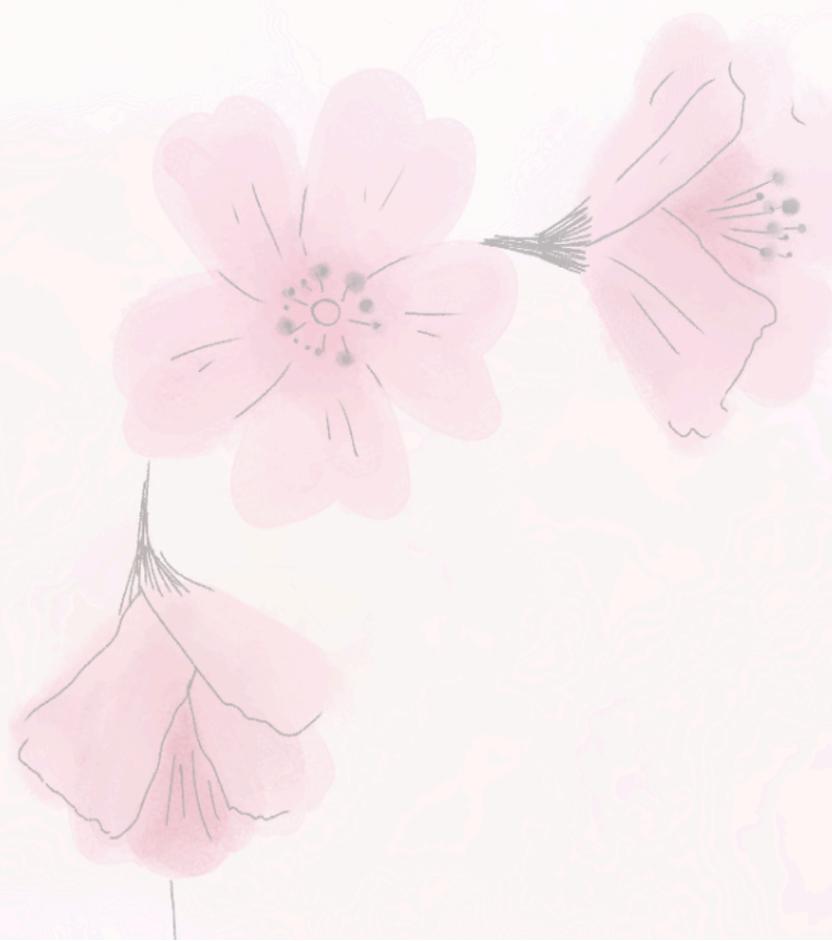
lendo Alice e Aline, sinto e vejo a importância de narrar as experiências de estranhamento que vivemos. o nó na garganta que nasce daí pode ser transformado em uma ação ética, ativa, que busca abrir espaço para outras maneiras de viver.

o que você, que me lê, tem pra me contar sobre os bordados que faz por aí? quais narrativas podemos descobrir, criar, trocar, construir?

o que pode uma pedagoga que cria? fica esta carta convite.

# 1.4

## Pesquisadoras



# 1.4.1

## Carta às Pesquisadoras do Entre

Ariane Hoffmann

Cara pesquisadora,

Antes de mais nada, gostaria de me apresentar. Sou aluna de graduação no curso de Música – Hab. Licenciatura, moro com meus pais e meus dois irmãos mais novos, um com dezoito e o caçula com dez anos. Pronto! Eu sei que é uma apresentação curta, mas ela conta tudo sobre mim. Sempre me pergunto quantos significados uma palavra pode ter e quantos deles são universais, porque, na minha cabeça de pisciana, eu contei a minha vida inteirinha com essas palavras.

Falando em significados, eu estava pensando sobre a palavra “síncope” que, em música, significa suíngue. Calma deixa eu explicar direito: Uma música é organizada em tempos, que por sua vez, são organizados em caixas de tamanhos iguais chamadas de compasso. Pois bem, dentro de cada compasso temos os tempos fortes e fracos, assim como cada um dos tempos tem sua parte forte e fraca. Temos uma síncope quando o tempo/parte fraca tem um som que se prolonga até o tempo/parte forte. O samba, o jazz e a maior parte dos ritmos africanos são sincopados, tem aquele “quebradinho” que deixa a música gostosa de dançar.

Posso dizer que a minha vida se organiza em (des)compassos sincopados, porque meus tempos fracos insistem em invadir os fortes. Meu pai sempre me disse para seguir em uma marcha ritmada, trabalhando duro para que meus tempos fortes fossem cada vez mais estrondosos, mas eu não consigo! Já chorei muito por querer me encaixar em compassos quadradinhos, até entender que

não posso silenciar meus tempos fracos e que, na verdade, posso deixar eles cada vez mais evidentes e admitir que a música que eu quero tocar é suingada, é verdadeira, é justa, que nem todos os compassos vão ser bonitos ou fáceis de ouvir, mas vão ser meus.

Mas e tu? Como costuma ser a tua música? Como costumam chamar as tuas síncopes? Como elas atravessam as tuas pesquisas? Como é ser uma pesquisadora suingada? Uma mulher, uma filha...? Confesso que estou ansiosa para ouvir um trechinho da tua música. Espero que eu tenha escolhido as palavras certas para conversar com os teus significados.

Com um quentinho no coração,  
Ariane.



Imagem 1: Captura de tela da capa do vídeo de narração da Carta de Ariane. Fundo de papel amassado, logo da Segunda Semana de Arte: Entre! centralizado na página e o título da carta está escrito na parte inferior à logo: Carta às pesquisadoras.

[Publicação no Instagram – Carta às Pesquisadoras](#)

Como resposta espontânea, recebemos a carta do Professor Daniel Racheli nos comentários da Publicação no Instagram – Carta às Pesquisadoras.



danielracheli O andar do bêbado



O bêbado tem sinceridade no andar.  
Vagueia cambaleando e tropeçando  
pelos cantos aí.  
Síncope andar.  
Sua valsa...  
uma valsa pra lá de engasgada,  
se afoga a cada passada  
como o motor da Brasília que tínhamos  
quando era criança...  
- Ah...! Aquela Brasília rendeu boas  
risadas, bons momentos! -

Andamos por aí, minha cara  
engasgando também.  
engasgamos e afogamos, tropeçamos  
na pesquisa,  
na política  
na economia  
na vida

Mas tudo bem. Até mesmo as estrelas  
estão bêbadas todos os dias.  
Já reparaste que elas piscam em  
pulsares? Síncopes para além mar.  
Será que de lá, de tão longe, é assim que  
nos observam também?

Apesar de que...  
estas estrelas, que lá estão bêbadas...  
- ou dando gargalhadas -  
estão, algumas delas, tão longes que  
ainda nem nos viram aqui,  
mas isso é história de bêbado pra outro  
momento.

**Imagem 2: Captura de tela da carta, escrita por Daniel, nos comentários da Carta às Pesquisadoras.**

# 1.4.2

## O Andar do Bêbado

Daniel Racheli

O bêbado tem sinceridade no andar.

Vagueia cambaleando e tropeçando pelos cantos aí.

Síncope andar.

Sua valsa...

uma valsa pra lá de engasgada,

se afoga a cada passada

como o motor da Brasília que tínhamos quando era criança...

- Ah...! Aquela Brasília rendeu boas risadas, bons momentos! -

Andamos por aí, minha cara

engasgando também.

engasgamos e afogamos, tropeçamos

na pesquisa,

na política

na economia

na vida

Mas tudo bem. Até mesmo as estrelas estão bêbadas todos os dias.

Já reparaste que elas piscam em pulsares? Síncopes para além mar.

Será que de lá, de tão longe, é assim que nos observam também?

Apesar de que...

estas estrelas, que lá estão bêbadas...

- ou dando gargalhadas -

estão, algumas delas, tão longes que ainda nem nos viram aqui,

mas isso é história de bêbado pra outro momento.

# 1.4.3

## Às pessoas do Entre

Jéferson Alves

Cartas são muito produtivas. Não num sentido mercantil, objetificante, mas emocional, humano mesmo. Por isso digo que fiquei feliz com o convite de contribuir com o projeto, por meio desta que lhes escrevo aqui. Um relato de minha trajetória, pediram. E, acreditem, eu não sei bem qual escolher. Os meses que passei no hospital, com 7 anos, quando me diverti muito com os “colegas de internação” pelos corredores do décimo andar do Hospital de Clínicas de Porto Alegre? Ou as aulas do ensino fundamental e médio onde minha dificuldade era encontrar maneiras de conversar em sala de aula sem que as professoras percebessem? Ou ainda as pressões sofridas, enquanto adolescente com deficiência, para “mostrar serviço” e se firmar socialmente com um primeiro beijo? Quem sabe, as dores novas que surgiram durante os descobrimentos dos vastos espaços inacessíveis das universidades por onde passei, e por onde ainda transito? Não soube escolher, afirmo a vocês. Mas, nem por isso deixei de lhes escrever. Porque uma carta é também o que sentimos nos momentos em que vivemos. É sobre os silêncios que escolhemos, ou não, fazer em determinadas situações. E é, principalmente, sinto eu, sobre dizer, seja lá o que, e como, seja dito. É assim que percebo esta carta, tanto quanto o projeto Entre. Um lugar só meu, ainda que coletivo e cheio de outros lugares de outras pessoas, para dizer de mim. O que dizer só saberei conforme se for tecendo a carta, entremeadada de palavras e sentimentos. Acho que é por isso mesmo que gosto de escrever – o que já me fez parir dois livros e mais um por vir, fora aqueles que ainda maturam, descansando em folhas de papel datilografados. Por isso, também, que minha deficiência aparece em tudo que escrevo, ainda que eu não a acione: porque ela

sou eu, não há separação possível. Digo e afirmo: sou Pessoa Deficiente, não “com deficiência”, porque esta não está “comigo”, mas é, antes, eu mesmo. Gostei de saber que a palavra “loucura” compõe o projeto Entre. Tenho tatuado no braço um desenho que fiz juntando loucura, felicidade, psicologia e filosofia. Sou feliz simplesmente porque sou louco. E ser louco talvez seja a maior das liberdades humanas. Assim sinto. E porque sinto é que consigo escrever tanto, acredito. O que não me sai vai me emocionando e consumindo e fico no aguardo do momento em que colocarei essas emoções todas no papel, entretecidas por palavras. Enfim, falei o que, nesse momento, gostaria de ter dito. Agora, emoções colocadas ao papel, descanso e sigo para outras escritas. E deixo, por fim, meu abraço a todes que lerem ou ouvirem esta carta. Até mais...

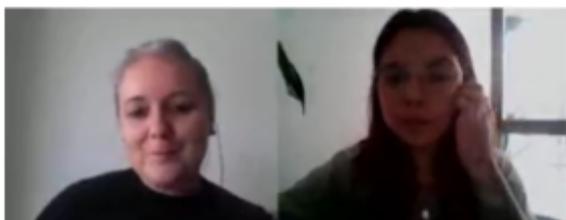


Imagem 1: Captura de tela realizada durante o encontro online entre As integrantes do Entre Artesanias e o pesquisador: Júlia, Ariane, Jéferson Alves (pesquisador convidado), Daniele e Ágata.

Em um encontro online, o escritor, antropólogo e pesquisador Jéferson Alves nos contou um pouco da sua trajetória enquanto homem deficiente (nomenclatura utilizada por ele), e pudemos convidá-lo para registrar sua narrativa através da escrita e gravação de uma carta para a Semana de Arte: Entre!

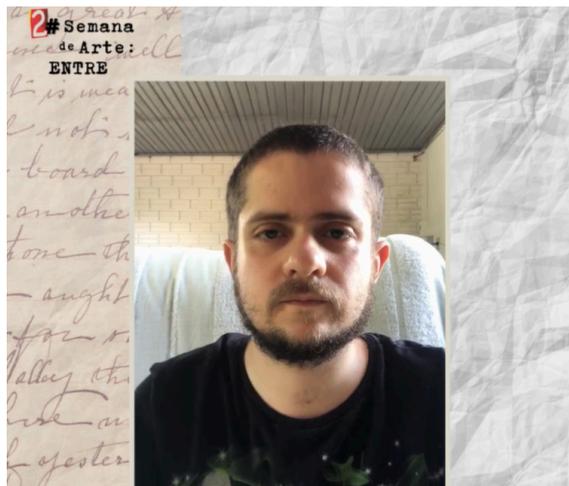


Imagem 2: Imagem com papel de carta amassado ao fundo com o logo da Segunda Semana de Arte no canto esquerdo superior. Ao centro, a captura de tela do vídeo onde Jéferson, homem branco, com cabelos loiros e blusa preta, narra uma parte da sua carta.

As pessoas do Entre,

Cartas são muito produtivas. Não num sentido mercantil, objetificante, mas emocional, humano mesmo. Por isso digo que fiquei feliz com o convite de contribuir com o projeto, por meio desta que lhes escrevo aqui. Um relato da minha trajetória, pediram. E, acreditem, eu não sei bem qual escolher. Os meses que passei no hospital, com 7 anos, quando me diverti muito com os "colegas de internação" pelos corredores do décimo andar do hospital de Clínicas de Porto Alegre? Ou as aulas tediosas de ensino fundamental e médio, onde minha dificuldade era encontrar maneiras de conversar em sala de aula sem que as professoras percebessem? Ou ainda as pressões sofridas, enquanto adolescente com deficiência, para "mostrar serviço" e se firmar socialmente com um primeiro beijo? Quem sabe, as cores novas que surgiram durante os descobrimentos dos vastos espaços inacessíveis das universidades por onde passei, e por onde ainda transito? Não soube escolher, afirmo a vocês. Mas, nem por isso deixei de lhes escrever. Porque uma carta é também sobre o que sentimos nos momentos em que vivemos. É sobre os silêncios que escolhemos, ou não, fazer em determinadas situações. É, principalmente, sinto eu, sobre dizer, seja lá o que, e como, seja dito. É assim que percebo esta carta, tanto quanto o projeto Entre. Um lugar só meu, ainda que coletivo e cheio de outros lugares de outras pessoas, para dizer de mim. O que dizer só saberei conforme se for tecendo a carta, entremeadas de palavras e sentimentos. Acho que é por isso mesmo que gosto tanto de escrever - o que já me fez parar dois livros e mais um por vez, fora aqueles que ainda maturam, descansando em folhas de papel datilografadas. Por isso, também, que minha deficiência aparece em tudo que escrevo, ainda que eu não a acione: porque ela sou eu, não há separação possível. Digo e afirmo: sou pessoa deficiente, não "com deficiência", porque esta não está "comigo", mas é, antes, eu mesmo. Gostei de saber que a palavra "loucura" compõe o projeto Entre. Fecho tatuado no braço um desenho que fiz juntando loucura, felicidade, psicologia e filosofia. Sou feliz simplesmente porque sou louco. E ser louco talvez seja a maior das liberdades humanas. Assim sinto. É porque sinto é que consigo escrever tanto, acredito. O que não me sai vai me emocionando e consumindo e fico no aguarro do momento em que coloco essas emoções todas no papel, entrelaçadas por palavras. Então, falei o que, nesse momento, gostaria de ter dito. Agora, emoções coladas ao papel, descanso e sigo para outras escritas. E deixo, por fim, meu abraço a todos que lerem ou ouvirem esta carta. Até mais.

Imagem 3: Captura de tela da carta enviada pelo Pesquisador Jéferson Alves.

Publicação no Instagram – As pessoas do Entre

# 1.5

## Convite a contar a clínica



# 1.5.1

## “Seria tropeçar ou existir o pecado causador de tamanho infortúnio?”

Marlete Andrize de Oliveira

Conhecemos Marlete de Oliveira através da publicação de um vídeo nas redes sociais que viralizou em novembro de 2022, onde Marlete defendia assiduamente o cuidado em liberdade e proferia palavras duras porém necessárias contra a intervenção psiquiátrica. A partir disso tivemos uma aproximação com a Terapeuta Ocupacional e Mestre Psicossocial com a proposta de que compartilhasse conosco uma escrita-carta para somar na nossa II Semana de Arte: Entre!.

Marlete nos enviou uma carta publicada no livro “Da clínica do contar ao contar a clínica” lançado em 2022.

### Publicação no Instagram – Carta Entre: Carta a Stela do Patrocínio



Imagem 1: Captura de tela da capa do vídeo de narração da Carta de Marlete. Fundo de papel amassado, logo da Segunda Semana de Arte: Entre! centralizado na página e o título da carta está escrito na parte inferior à logo junto do nome completo da autora.

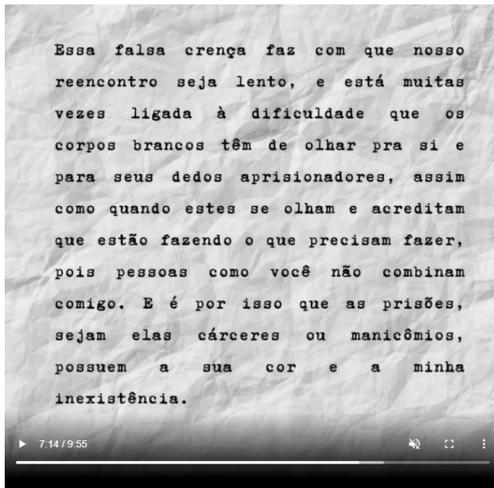


Imagem 2: Captura de tela de uma parte do vídeo de narração da Carta de Marlete. Fundo de papel amassado com uma parte escrita do texto da autora.

[...] Essa falsa crença faz com que nosso reencontro seja lento, e está muitas vezes ligada à dificuldade que os corpos brancos têm de olhar pra si e para seus dedos aprisionadores, assim como quando estes se olham e acreditam que estão fazendo o que precisam fazer, pois pessoas como você não combinam comigo. E é por isso que as prisões, sejam elas cárceres ou manicômios, possuem a sua cor e a minha inexistência.

## Referência Bibliográfica

OLIVEIRA, Marlete Andrize. Seria tropeçar ou existir o pecado causador de tamanho infortúnio?. In. TOROSSIAN, Sandra Djambolakdjian; DAMICO, José. **Da clínica do contar ao contar a clínica**. EDUNISC, 2022. Disponível em: [https://www.unisc.br/pt/home/editora/e-books?id\\_livro=525](https://www.unisc.br/pt/home/editora/e-books?id_livro=525)

# 1.6

## Corpo; Loucura; Sentir e Estar no Mundo



# 1.6.1

## Carta sem pé nem cabeça – o desejo de construir um corpo

Paula Cadore

Àqueles que são parceiros, parceiras e parceiros deste projeto de vida – o Entre: Artesanias da diferença.

Faz alguns dias que venho mirabolando estas palavras, junto de uma tremenda dificuldade, em articulá-las. Também, há alguns dias me encontro com uma perna imobilizada, após uma queda de bicicleta, morando na casa de uma amiga e exercitando o papel de ser cuidada. Palavras e pernas imóveis, ainda assim, viajando por alguns mundos, ou como diz minha psicóloga "criando muitas nóias". Talvez seja, por tanto pensar, que a dificuldade se instala. É por se encher de realidade que fantasio, piro e transbordo e escrevo.

É louco quando percebo que uma situação, uma escolha, um minuto pode modificar o plano. É loucura pensar que "a vida não está nem aí para o teu planeamento" e que, é justamente por esta loucura, que a vida tem sentido e, nós nos movimentamos.

Era uma manhã de sábado ensolarada. Planejava pedalar, fazer feira, almoçar pela rua e sambar à noite. No retorno do pedal, a bicicleta derrapou e torci o tornozelo. Fiz uma visita ao hospital, almocei jejum, e passei a noite com uma amiga, no sofá da casa de outra, comendo pizza. Percebe a diferença? A diferença que se instala entre o planeamento e a ação. Entre o dito e o ouvido. Entre a fantasia e a realidade. Entre o desejo e a possibilidade. A diferença entre o viver e o existir? A vida me soa um tanto disso... uma loucura que se manifesta no controle de planejar, no desejo-fantasia de tê-la nas mãos, a moldar. Mas,

que acontece no sentir do vento, que movimenta acontecimentos outros que convocam a recalcular a rota, ampliar o olhar e buscar diversos sentidos, ao sentir.

Então, como eu, mulher cis, branca, bissexual, com acesso a educação e independente financeiramente, exerço meus poderes neste mundo de diferenças? Mas agora, como eu, mulher cis, branca, bissexual, com acesso a educação, independente financeiramente e com uma perna imóvel caibo neste mundo de diferenças? A que lugares pertencço? Como a diferença ocupa as ruas? Como eu ocupo, agora com uma perna imobilizada, os lugares que antes transitava? Como a loucura do viver nos habita e ocupa os espaços de nossas passagens?

Penso na diversidade das experiências, enquanto estruturantes das diferenças sociais. A calçada que é de passagem, é cama para o sem teto. O resto de comida, é banquete para tantos milhões de brasileiros com fome. O hospital que é pra cuidar, pode também trancar. O serviço que é porta de entrada ao Sistema, tem muitas escadas que burocratizam a permanência. A grade na janela é proteção e prisão. A pessoa que é amor, pode também violentar.

O que aprendi com a deficiência e o que costuro com ela e a loucura, envolve a ação e o sentir. Independente do lugar que ocupo, como profissional que atua, acredita e luta pela inclusão, ou como pessoa que, neste momento, está em situação de deficiência. Aprendi que todo corpo pode, mesmo com limitações. Muito além de um corpo, o ambiente apresenta deficiências. Para que ele seja de possibilidades, é preciso costurar redes afetivas de cuidado e cultivá-las. Redes que alimentam esperança-ação em uma existência pautada na ética amorosa, para construção de uma sociedade fundamentada na justiça e no compromisso com o bem-estar coletivo (Hooks, Bell, 2020 [1990]).

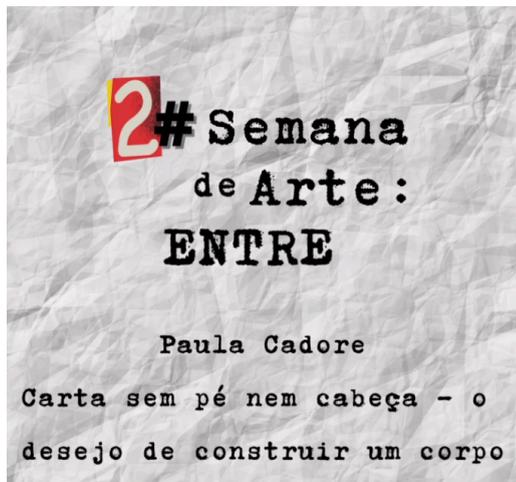


Imagem 1: Captura de tela da capa do vídeo de narração da Carta de Paula. Fundo de papel amassado, logo da Segunda Semana de Arte: Entre! centralizado na página e o título da carta está escrito na parte inferior à logo junto do nome e sobrenome da autora.

Publicação no Instagram – Carta Entre: Carta sem pé nem cabeça

### Referência Bibliográfica

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

# Seção 2: Ensaaios Análitcos de Estágios



# 2.1

## Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij)



## 2.1.1

### O papel do pedagogo em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij) – experiência de estágio

Willian Domenique Campos dos Santos

Compreender sobre o papel do pedagogo em espaços não escolares foi um dos principais focos ao iniciar meu primeiro estágio curricular. Além de escolas, o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) era uma das possibilidades para realização dessa etapa do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Minha escolha foi o CAPS infantojuvenil (CAPSij), vinculado ao Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).

#### **Identidade do espaço**

Os CAPS, estabelecidos pela portaria Nº 336/2002, integram parte da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), do Sistema Único de Saúde (SUS), para pessoas com sofrimentos psíquicos, transtornos mentais ou com necessidades resultantes do uso de álcool ou drogas. A RAPS foi instituída em 2011 pela portaria Nº 3.088/2011 e é assegurada pela Lei Nº 10.116/2001 que dispõe acerca da proteção e direitos da pessoa com transtornos mentais, além de redirecionar o modelo assistencial em saúde mental. (BRASIL, 2002; BRASIL, 2011; BRASIL, 2001).

Esses centros são serviços de base territorial com a função de oferecer atenção em saúde mental e têm como objetivo oferecer atendimento e realizar

acompanhamento clínico assim como a reinserção social dos usuários através da oferta e acesso ao trabalho, lazer, direitos e fortalecimento de laços familiares e sociais. (BRASIL, 2004).

Os CAPSij têm como propósito atender crianças e adolescentes de até 18 anos comprometidos psiquicamente de modo grave. (BRASIL, 2004). Devem ser compostos por uma equipe multiprofissional constituída por um médico, um enfermeiro, quatro profissionais de nível superior (psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, pedagogos entre outros) e cinco profissionais de nível técnico relativos à área terapêutica, educacional, administrativa ou da saúde. (BRASIL, 2002).

Os atendimentos no CAPSij devem acontecer de forma individual, em grupo ou através de oficinas terapêuticas. Podem realizar visitas e atendimentos domiciliares, assim como o atendimento à família. Além disso, atividades comunitárias ou ações intersetoriais com o objetivo de integração da criança e do adolescente em espaços escolares, familiares e comunitários também podem ser realizadas. (BRASIL, 2002).

### **Primícias da explor(ação)**

A experiência de estágio inicia antes da escolha do espaço de realização do estágio. Através de encontros com colegas de curso que já se ocuparam dos lugares anteriormente, pude conhecer ligeiramente sobre o funcionamento e a história de cada um no espaço de atuação de seu estágio. Tinha em meu pensamento a segurança da escolha de um espaço escolar, pois já tinha certa experiência prática nessa área. No entanto, tinha muita curiosidade e vontade de conhecer o funcionamento de espaços educativos de atenção à saúde.

A partir dessas apresentações e conversas percebi que seria uma ótima oportunidade explorar essa área e, no início do mês de setembro, tive o primeiro

diálogo com minha supervisora que me apresentou a proposta inicial das práticas de estágio.

Mesmo com os estudos e conversas sobre o papel do pedagogo dentro do CAPSij, ainda tinha certa dificuldade de entender o que esperavam de mim nesse lugar (tanto os profissionais quanto os usuários). No decurso das experiências de estágio e através de ações e práticas, pude compreender o funcionamento do trabalho dentro desse espaço de atenção psicossocial, explorando, na prática e na teoria, suas funções, objetivos e possibilidades.

### ***“Afetar-se de afeto.”<sup>1</sup>***

Algo que considero importante para entender melhor esse papel é conhecer um pouco das práticas ampliadas devido ao movimento antimanicomial e a reforma psiquiátrica no Brasil que teve como precursora Nise da Silveira visto que várias de suas ideias, ideais e práticas são percebidos nos modelos de atendimento atualmente oferecidos pelos CAPS. A médica psiquiátrica brasileira percebeu que ao desenvolver atividades expressivas e que estimulasse os seus “clientes”, aumentava a interação destes com o meio. (PEREIRA, 2017). Ela fazia uso das atividades como meio de expressão da problemática interna dos sujeitos e ofertava atividades que pudessem agir de algum modo sobre essa problemática. (POSFÁCIO, 2014).

Uma das atividades desenvolvidas durante o estágio foi o planejamento de práticas do grupo “Práticas Expressivas” que se baseia na prática desenvolvida por Nise e procura criar um espaço de liberdade de expressão artística, experimentação, sensações e sentimentos pela estimulação da criatividade, novas aprendizagens e socialização. O grupo objetiva trabalhar diferentes atividades como pintura, poesia, música, teatro, entre outras, a fim

---

<sup>1</sup> Frase dita pela professora Daniele Noal Gai em um dos encontros da disciplina Seminário de Estágio de Docência I: Educação Especial, Processos e Práticas.

de encontrar práticas que sejam significativas para cada um dos usuários participantes.

Um dos planejamentos concretizados intencionava trabalhar as emoções através de obras de diferentes artistas que carregam um caráter emocional perceptível e objetiva ajudar a nomear essas emoções e sensações, entender a origem dessas e como lidar com elas. Importante indicar aqui que a finalidade não é caracterizar emoções como sintomas, mas sim compreender essas “[...] emoções que mobilizam corpos e afetos [...]” (DALLEGRAVE, NOAL-GAI, CECCIM, 2021, p. 85).

Para Ribeiro e Rodrigues: “Quando características como a tristeza, a inquietude infantil, a timidez, a rebeldia adolescente, que são inerentes ao humano, se transformam em patologia, estamos diante de um processo de patologização da vida” (RIBEIRO; RODRIGUES, 2020, p. 2). Sigo esse pensamento, pois muitas vezes os sujeitos acabam se tornando uma lista de sintomas – que não podem ser normalizados, mas também não devem ser o foco caracterizante de um sujeito, visto que, assim como explicam Cervo e Silva (2014) a escuta deve ser centrada no indivíduo e não em seus sintomas.

### ***“Confiar que cada família faz o seu melhor.”<sup>2</sup>***

Outra atividade realizada no decorrer do estágio foi de acompanhamento de uma mãe que buscava auxílio para realizar as atividades escolares com seu filho, usuário do CAPSij, durante este período pandêmico. No início, fiquei levemente preocupado, pois não entendia como poderia ajudar de alguma forma. À medida que tinha conversas com essa mãe e com a equipe do CAPSij compreendia e procurava caminhos que pudesse seguir para assistir ela com as questões que trazia. No entanto, em partes, mais preocupações surgiam, pois a cada conversa surgiam mais diagnósticos.

---

<sup>2</sup> Frase dita por Fernanda K. T. Mishima em uma *live* intitulada “Estratégias de envolver família e saúde mental” oferecida pelo Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas.

Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositor-Desafiador (TOD) foram diagnósticos atribuídos ao usuário. Para Cervo e Silva (2014) reduzir um indivíduo ao(s) seu(s) diagnóstico(s) é considerá-lo apenas como um registro médico, anulado de qualquer singularidade subjetiva. Além de considerar esses pensamentos, nesse caso, via como uma questão importante definir que não podíamos buscar pela “melhora” de sintomas, mas maneiras de lidar com eles.

Essa mãe conhecia muito bem as características, singularidades e possibilidades de seu filho e exerce muito bem atividades que promovem autonomia e outras questões que ela julgava importantes. As conversas, no entanto, ajudaram-me a entender a queixa, as relações familiares e a participação escolar no momento. A partir delas, fomos trabalhando questões mais importantes como espaço e rotina para realização das atividades escolares e pontos singulares referentes à realização de certas atividades. Aqui foi muito interessante perceber a “evolução”, pois como foi apresentado em um seminário oferecido pelo CAPS Álcool e Drogas (CAPS AD): “o objetivo do CAPS é que o usuário não necessite mais do CAPS”.

### **Localiz(ação) e aprendizagens**

As práticas de estágio, seminários, conversas, leituras e outros estudos consolidaram as aprendizagens. Compreender a potência da diferença e do respeito foi algo necessário durante essa trajetória de estágio. Ribeiro e Rodrigues (2020) apresentam que respeitar não é apenas respeitar o sujeito visto pela ótica e condição de outro, mas encontrar modos com que se forme uma rede a partir do seu modo de ser. As autoras ainda trazem questões importantes sobre singularidade que considerei durante as práticas que ficará marcado em minha práxis, pois segundo elas cada indivíduo possui um modo singular de ser e existir, pois uma vida não cabe em um rótulo e este não é capaz de determinar todas as suas ações.

A contribuição da arte, da expressividade e da socialização; do realce da expressão criativa e do contato afetivo para desvendar e entender um indivíduo e seus possíveis sofrimentos e outras questões psicossociais. A necessidade de um olhar sensível e com afeto para tratar das relações em espaços educacionais, principalmente aqueles de atenção à saúde mental.

A partir dessa experiência, pude localizar o lugar ocupado pelo pedagogo no CAPS e compreender o seu papel dentro da RAPS que é de envolvimento, de acolhimento; possibilitar e facilitar a expressão do usuário de serviço de saúde mental dentro da sua problemática, através do afeto e da sensibilidade em todos os seus sentidos.

*“Ali não havia confinamento; janelas e portas estavam sempre abertas.”<sup>3</sup>*

## Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei Nº 10.216, de 6 de abril de 2001.** Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF, 6 de abr. 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 336, de 19 de fevereiro de 2002.** Brasília, DF, 2002.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011.** Brasília, DF, 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde Mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial.** Brasília, DF, 2004.

---

<sup>3</sup> Frase dita por Nise da Silveira no documentário Posfácio: Imagens do Inconsciente de 2016 referente a Casa das Palmeiras.

CERVO, Michele R.; SILVA, Rosane A. N. **Um olhar sobre a patologização da infância a partir do CAPSi**. *Subjetividades*, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 442-453, dez, 2014.

DALLEGRAVE, Daniela; NOAL-GAI, Daniele; CECCIM, Ricardo Burg. Racionalidades médicas, medicalização e escola. In: CECCIM, Ricardo Burg; FEITAS, Cláudia Rodrigues. **Fármacos, remédios, medicamentos: o que a educação tem com isso?**. Porto Alegre: Rede Unida, 2021, p. 84-99.

MISHIMA, Fernanda K. T. **Estratégias de envolver família e saúde mental**. Marília, SP: Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas, 13 out. 2021. 1 vídeo (85 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=quvZtDWxG34>. Acesso em: 14 nov. 2021.

PEREIRA, Ellen A. B. **Reforma psiquiátrica no Brasil e a contribuição esquecida de Nise da Silveira**. Orientadora: Elza Maria de Souza. 2017. 17 f. TCC – Curso Saúde Coletiva, Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19822/1/2017\\_EllenAdrianeBarbosaPereira\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19822/1/2017_EllenAdrianeBarbosaPereira_tcc.pdf). Acesso em: 11 nov. 2021.

POSFÁCIO: **Imagens do Inconsciente**. Direção: Leon Hirszman. YouTube. 2016. (70 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EDgOzjMe4nA>. Acesso em: 11 nov. 2021.

RIBEIRO, Eirilza Faria; RODRIGUES, Maria G. A. **Estudo sobre a prática docente frente à medicalização da aprendizagem**. *Psicologia Escolar e Educacional*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 1-8, nov, 2020.

## 2.1.2

### A experiência do estágio curricular do curso de Pedagogia dentro da área da Saúde Mental Infantojuvenil

Alice Teixeira de Freitas

#### **A Pedagogia dentro do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij)**

O Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij), vinculado ao Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS, é um espaço destinado à atenção e ao cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes, de 5 a 18 anos, que apresentam sofrimentos psíquicos e transtornos mentais. Possui como objetivo

[...] oferecer atendimento à população de sua área de abrangência, realizando o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. (BRASIL, 2004, p. 13)

Este CAPSij conta com o trabalho de uma equipe multiprofissional, a qual contempla também a atuação de profissionais da educação, possibilitando a presença da área da Pedagogia, um estágio curricular e outro não obrigatório e remunerado de estudantes de Pedagogia.

A experiência do estágio curricular obrigatório do curso, na área da saúde mental, provou como a presença de pedagogos se mostra possível e necessária dentro deste campo. Os conhecimentos específicos desta profissão, provam que somos profissionais adequados para se atentar às questões do aprendizado dos pacientes, trazer diversas propostas e temáticas educativas, oferecendo um espaço de escuta.

Ao longo de nossa experiência de estágio remoto, no segundo semestre de 2020, no período de fevereiro a maio de 2021, pudemos conhecer o funcionamento do trabalho desenvolvido no CAPSij, vendo como a integração e planejamento entre diversos profissionais de diferentes áreas possibilita um atendimento aos pacientes, considerando as diversas dimensões da promoção de saúde, do atendimento em saúde mental na perspectiva da atenção, da escuta, do vínculo, de práticas de educação e saúde em liberdade.

No decurso de nossa atuação enquanto estagiárias, realizamos tele atendimentos, dentro do ambiente virtual, através de chamadas de vídeo dentro do ambiente do *WhatsApp*. Sempre acompanhadas de nossa supervisora, uma profissional da área da Terapia Ocupacional. Nestes encontros convidamos crianças para participar de propostas de contação de histórias, jogos, brincadeiras e exercícios de escrita. Sempre oferecendo um espaço para escuta e diálogo sobre temas de seus interesses. Dessa forma, os tele atendimentos realizados tiveram como objetivo principal, a criação de vínculos para que os pacientes se sentissem à vontade para construir algo conosco.

Também tivemos a oportunidade de participar de grupos e oficinas rotineiras dentro do CAPSij. Pudemos acompanhar o Grupo Artería, o qual consiste em uma oficina de confecção manual de diversos objetos como porta-retratos, pulseiras e colares. Assim como também, participamos do Grupo Travessias que objetiva ser um espaço para o debate de diversos temas importantes para o cotidiano e faixa etária dos adolescentes participantes, tais como sexualidade, preconceito, mercado de trabalho, problemáticas sociais, entre outros. Nestas oficinas, os adolescentes encontravam um espaço para estabelecer vínculos uns com os outros, escutar a fala do outro e também trazer suas próprias contribuições, opiniões e vivências.

Realizamos também encontros juntamente da equipe de profissionais da área da educação física, terapia ocupacional e psicologia, no formato de seminários de estudo, sobre os diversos transtornos e deficiências do público do

CAPSij. Juntos realizamos a leitura de alguns trechos da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), assim como de diversos artigos e manuais que propõem pensarmos as estratégias e condutas para desenvolver um trabalho de qualidade com estes sujeitos, considerando, também, a dimensão pedagógica. Neste espaço pudemos realizar estudos de caso, identificando quais as características e comportamentos apresentados pelos pacientes se encaixam dentro dos diagnósticos. Esta experiência aprofundou nossos conhecimentos acerca dos transtornos mentais graves ou persistentes, trazendo informações importantes a serem consideradas em nossa atuação como professoras que atuarão na perspectiva inclusiva.

Por outro lado, esta constante busca por diagnósticos das crianças e adolescentes provoca algumas reflexões acerca das concepções de tratamento de saúde mental presente neste espaço. Problematisa-se este aspecto para pensar em como “[...] a nomeação diagnóstica pode adquirir tamanha valência que destitui o nome próprio da criança, substituído pela identidade social conferida pelo nome da síndrome em que a medicina localiza.” (CERVO e SILVA, 2014, p.448) Ao longo do estágio, fomos convidadas a identificar, com maior ênfase, quais eram os comportamentos observados que são característicos de cada transtorno, e menos a identificar as características subjetivas e singulares de cada criança ou adolescente.

Ao mesmo tempo, a partir do relato do comportamento dos familiares e/ou responsáveis pelos pacientes, soubemos que muitas vezes procuram o vínculo com o centro somente para ter acesso aos tratamentos com medicações e que a participação nos atendimentos e grupos de interação com outros pacientes é algo que não recebe a devida importância e valor. Este fato, reflete o processo de medicalização da infância que ultrapassa o ambiente da saúde e chega nos espaços escolares, se tornando:

[...] uma prática que explica os fenômenos chamados de “fracasso escolar” a partir da racionalidade médica. Trata-se de transformar crianças em “crianças anormais”. Prolifera-se, desse modo, um discurso

com status de verdade ao considerar que esses alunos – que supostamente não aprendem – têm, em si, um “problema” com explicação de ordem médica. (CHRISTOFARI, 2014, p. 34)

Ao estarmos inseridas neste contexto no qual o que impera é esta racionalidade médica, não podemos esquecer que nossa atuação enquanto pedagogas nos espaços educativos e escolares deve principalmente considerar as potencialidades de cada aluno e que os diagnósticos servem somente para compreendermos alguns aspectos para melhor poder pensar em práticas inclusivas.

### **A Pandemia mundial da covid-19 e as atividades remotas no CAPSij**

Dado o contexto de pandemia mundial por conta da Covid-19, a qual impôs o distanciamento físico da população, fica evidente a importância da atuação do CAPSij na busca por garantir a continuidade de vínculos com seus pacientes para o cuidado da saúde mental. A necessidade de adotar medidas de distanciamento social gerou uma série de consequências negativas para a saúde da população de forma geral, como o aumento dos níveis de estresse, mudanças de apetite, distúrbio do consumo de drogas, etc. No caso do grupo de crianças e adolescentes atendidos pelo CAPSij, o impacto negativo também é bastante presente, na medida em que pode agravar sintomas depressivos, comportamentos agressivos e opositores, entre outros.

Diversas adaptações tiveram que ser pensadas e postas em prática para garantir a continuidade da participação dos pacientes nos grupos, oficinas e atendimentos individuais. A utilização de aplicativos de chamadas de vídeo foi uma delas, uma alternativa que apesar de possuir aspectos negativos, como a necessidade de ter acesso a uma boa conectividade e aparelhos eletrônicos adequados, se mostrou necessária e positiva dentro desse contexto:

Através dos espaços propiciados nas mídias digitais e sua inserção no âmbito do cuidado em saúde, intensifica-se o diálogo, otimiza-se o

tempo, promove-se o deslocamento subjetivo (e não meramente geográfico) e realiza-se a circulação de saberes, poderes e afetos. (ANDRADE et al, 2020, p. 49)

Nossa experiência em realizar tele atendimentos pedagógicos, via aplicativos de chamada de vídeo, foi a possibilidade de realizarmos nosso estágio de forma remota. Tivemos que planejar nossas propostas pensando nas potencialidades e limites que o ambiente virtual apresenta. De forma geral, depois de ter passado por esta experiência, vemos o quanto é possível se adaptar e construir vínculos com as crianças com suporte tecnológico, virtual e/ou digital.

### **Considerações Finais**

Ao fim de nosso estágio, realizamos 16 atendimentos de duas crianças de 11 anos e por volta de 87 horas de estágio no total. Ao longo dos atendimentos escrevemos pareceres descritivos das características e potencialidades demonstradas pelas duas crianças, que serão repassados para as escolas e também compartilhados com as famílias, com o objetivo de contribuir com indicações que possibilitem a inclusão delas, com atendimento pedagógico que contemple suas necessidades.

Em relação a usuária que atendemos, este exercício de construir um parecer, nos levou a identificar as características de sua escrita, o que nos fez concluir que ao contrário do que consta em seu estudo de caso, está alfabetizada. Contudo, este exercício nos convidou, principalmente, a perceber suas necessidades de encontrar possibilidades de diálogo e encontro com outras crianças de sua idade.

O relato de nossos atendimentos com o menino, nos levou a identificar as condições que tínhamos que oferecer a ele para que conseguisse prestar atenção e se interessar por nossos encontros. Conhecer suas potencialidades e limites,

enquanto uma criança com autismo, foi essencial para que pudéssemos planejar nossas atividades da melhor forma.

Por fim, concluímos que a realização do estágio de forma remota, foi algo que surgiu de forma inesperada e que fez com que diversas expectativas tivessem de ser quebradas. Contudo, é possível reconhecer que diversas aprendizagens puderam ocorrer e de que forma geral a experiência foi muito positiva. Ampliou a nossa visão acerca da atuação da pedagogia e despertou a vontade de continuar os estudos nesta área para futuramente continuar a atuar nos espaços de saúde mental. A presença da pedagogia nestes espaços contribuiu para pensarmos a saúde mental, da perspectiva da área da educação e não somente da área da saúde.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRADE, Lorena et al. **A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por Covid-19.** Health Residencies Journal-HRJ, v. 1, n. 2, p. 44-61, 2020. Disponível em: <<https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/12/17>>. Acesso em: 4 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial.** Brasília, 2014.

CERVO, Michele da Rocha; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. **Um olhar sobre a patologização da infância a partir do CAPSI.** Revista Subjetividades, v. 14, n. 3, p. 442-452, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v14n3/08.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2021.

CHRISTOFARI, Ana Carolina. **Modos de ser e de aprender na escola: Medicalização (in)visível?**. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande

do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2014.

# 2.2

## Centro de Atenção Psicossocial Adulto



## 2.2.1

### Experiência de estágio obrigatório em um Centro de Atenção Psicossocial Adulto: possibilidades e atuação da pedagogia na saúde

Júlia de Albuquerque Schames

Para construir minha narrativa sobre o percurso que trilhei neste semestre de estágio, refleti e revisei tudo que vivenciei ao longo deste período. Enxerguei assim uma trajetória especial, repleta de desencontros, encontros e reencontros. Recheada de trocas, resiliência, renovação, atingida pela nebulosidade das dificuldades, amparada pela reafirmação de humanidade (tão importante nestes últimos tempos...) e pela busca por me tornar melhor, nos mais diversos âmbitos da vida. Lembro neste momento da aprendizagem amorosa de Humberto Maturana, e compartilho a seguinte citação, alinhada às ideias de Corte Real (2007) que a partir de Serres, fala sobre o rio, em nosso caso, o rio é a aceitação de uma convivência que nos transforme, é necessário se despir, se expor, correr riscos, abandonar suas certezas e pré-conceitos para se re-construir com o outro. É necessário saber que não se sabe tudo e que a vida é uma eterna aprendizagem com seus companheiros de viagem. Posso assim afirmar, que tive o privilégio de viajar pelo rio, cercada de bons companheiros e agora, venho compartilhar de que forma cheguei até aqui.

Os primeiros encontros e leituras contribuíram para constituir uma base sólida, que ressaltou a importância de concepções básicas referentes à educação especial, uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis da educação. Assim, posso afirmar que para a realização de um trabalho de qualidade, necessitamos encarar a diferença como potência, objetivar garantir equidade, reconhecer a existência de normalidades e romper barreiras físicas e de

pensamentos. Bem como, compreender que as ações pedagógicas podem e devem receber intervenções complementares de outros saberes e que necessitamos desenvolver um olhar atento para investigar as diferentes formas de aprendizagem, afinal, reconhecer o sujeito torna-se premissa para intervir.

Além disso, precisamos reconhecer os frutos de uma longa trajetória de lutas, juntamente com os desafios aos quais ainda estamos expostos. Na Constituição Federal de 1988, a educação aparece como direito de todos, fato que acarreta no recebimento de maior suporte e viabiliza o crescimento do número de matrículas visando uma integração, da educação especial dentro da escola comum, com maiores possibilidades de acesso. Contudo, segue a busca por qualidade e condições de permanência, relacionadas principalmente à estrutura física e a falta de formação dos profissionais.

Dentro da educação especial, a área que optei por trabalhar foi a pedagogia na saúde. Trazendo o enfoque para ela e buscando contextualizar o que foi desenvolvido, cabe ressaltar os estudos de René Spitz sobre o hospitalização de bebês, que demonstraram a importância das relações, do afeto e apoio neste contexto, surgindo então a necessidade de criar estratégias e cuidados diferenciados, integrais e integrados neste espaço. A ambiência (o ambiente pensado), o diálogo e a postura ética são fundamentos para realização deste trabalho. Ainda, devemos entender a saúde da população como condição de corpo e mente, enxergando o desenvolvimento global do sujeito.

Este trabalho tem uma série de obrigadoriedades envolvidas nele, estão amparadas por uma legislação que reflete uma mudança de olhar para a atenção em saúde, trazendo um viés mais humanizado, pautado em ideais de respeito, integridade, acolhimento e transparência. Tal legislação parte da premissa que a deficiência e/ou a doença mental não afeta a capacidade civil, cabendo ao estado, assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e liberdades fundamentais, visando a inclusão social e plenas condições de cidadania, objetivando a dignidade, o desenvolvimento de potenciais,

talentos e habilidades, através de medidas individualizadas e coletivas, que garantam o atendimento às necessidades específicas.

Alinhado a essas perspectivas, busca-se romper com o ideal de saúde científica como única e verdadeira, ampliando perspectivas sobre diferentes modos de cuidados, valorizando medicinas tradicionais e integrativas, entendendo que diferentes modelos de cuidado podem ser utilizados de formas complementares, apoiados pelo acesso à informação e ao conhecimento, e PICS é o termo utilizado para referir-se a incorporação de todas estas práticas à política nacional da saúde.

Além disso, surge uma forte crítica a patologização da vida, pois a categorização em diagnósticos provoca a diminuição das possibilidades da existência e os rótulos interferem na forma como os relacionamentos se estabelecem, excluindo aqueles que diferem de algum modo, da norma.

Adentrando o universo do Centro de Atenção Psicossocial Adulto (CAPS), a história mostra que a assistência infantojuvenil se caracterizou pelo predomínio do confinamento em espaços fechados (orfanatos, internatos etc.), como medida de proteção. No Brasil, observamos os avanços que o paradigma psicossocial imprimiu nas práticas de cuidado, principalmente de adultos, redesenhando a história da saúde mental para fora dos manicômios, em consonância com a construção de autonomia, do cuidado sem exclusão e de uma escuta centrada no sujeito e não no sintoma. Através das novas portarias e leis, o que se pretende é a tentativa de estabelecer outras formas de cuidado rompendo com essa lógica de exclusão e normatização da vida, reivindicando espaços diferentes. Segundo a legislação,

Os CAPS são serviços de saúde do SUS, abertos e comunitários, referência no tratamento de pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e outros quadros que justifiquem seu atendimento nesse local de cuidado. Eles têm como objetivo ofertar atendimento à população de sua área de abrangência, realizar atendimento clínico, acompanhar o usuário no seu percurso terapêutico,

trabalhar a reinserção social, seja pelo trabalho, lazer ou cidadania (BRASIL, 2004, s/p).

A legislação que regulamenta estes locais é geral, mas cada unidade tem autonomia para gestão interna. São divididos em CAPS 1,2 e 3, conforme a cidade que estão localizados e sua população. Com o desenvolvimento da legislação, o CAPS passou a ser um elemento da RAPS (rede de atenção psicossocial), que surgiu com maior amplitude, articulando toda uma rede de serviços, cujo objetivo é produzir vida nas pessoas.

Atuei de forma remota, no CAPS II HCPA Adulto, localizado em uma casa, fora do espaço do hospital, na Rua São Manuel. O funcionamento do local é das 8h às 17h, oferecendo alimentação para os usuários. O trabalho que é desenvolvido é articulado com ideais da terapia ocupacional, da educação física e da pedagogia, buscando socializar e desenvolver habilidades cognitivas dos sujeitos, afinal, a ocupação é um direito social. A equipe é composta por membros de múltiplos setores e diferentes áreas de formação, que fazem acolhimento, prestam atendimentos e desenvolvem oficinas para os usuários em tratamento psicossocial.

Durante este período, participamos das reuniões que envolviam toda equipe, cujo as pautas referiam-se principalmente a assuntos emergentes e a chegada de novos usuários ao espaço, e de forma indireta, surgiam reflexões principalmente sobre a organicidade, papéis e espaços, bem como concepções presentes naquele momento. O maior contato que tivemos dentro da equipe foi com as supervisoras e os outros estagiários, da pedagogia e da educação física.

Em um primeiro momento, participei de duas oficinas. Da oficina de dança, me envolvi de forma mais direta, e juntamente com os outros dois estagiários da educação física, desenvolvi três encontros pautados na cultura e dança Israelita, assunto muito presente na minha vida, pois trabalho como professora de cultura judaica, estudei no colégio Israelita e morei por 10 meses em Israel. Assim, conseguimos falar sobre diferenças culturais, mostrar músicas

e fazer um trabalho a partir de duas coreografias. Foi interessante e desafiador, afinal, eles estavam presencialmente juntos do outro lado da minha tela, mas contei com a ajuda de pessoas com as quais aprendi muito. Também me surpreendi com a animação demonstrada com as coreografias, bem como os conhecimentos prévios que alguns traziam, que surgiam muitas vezes em forma de questionamentos.

Particpei da oficina de criatividade através da música, observando e admirando o trabalho desenvolvido. Juntamente com as oficinas, diversas vezes participei da evolução delas, que consistia em realizar um feedback daquilo que havia sido experienciado, tornando-se um momento de olhar para cada um, refletir sobre a prática, entender o desenvolvimento e participação do usuário em comparação consigo mesmo e pensar nas novas possibilidades frente aquilo que foi vivenciado.

Contudo, justamente pelas limitações da experiência online, ainda sentia que podia fazer mais. Assim, direcionando essa motivação, de forma conjunta como minha colega de estágio, surge a ideia de criarmos um livro de memórias do CAPS, com os objetivos de: promover a interação e socialização entre os usuários; potencializar a importância afetiva das memórias; incentivar o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre usuários; criar um pequeno espaço de autoconhecimento. E, finalmente, ter um momento de troca, que nos permitisse um contato mais direto com cada um dos usuários. Iniciamos a construção do livro tendo encontros online, nos quais seguíamos um roteiro de perguntas, mas também exploramos a espontaneidade que surgia no momento. A ideia foi justamente romper barreiras e limitações construídas por conta dos diagnósticos. O material ainda segue em construção, mas o retorno e empolgação dos participantes foram muito positivos.

A partir das minhas vivências, pude compreender melhor a importância do pedagogo ocupar outros espaços para além das escolas. É dever do educador criar estratégias, traçando etapas e procedimentos, talhados nas

individualidades, que visam alcançar um objetivo maior, partindo do pressuposto de que todo indivíduo tem a capacidade de aprender, recheando a nossa prática de reflexões e tendo clara a intencionalidade do processo educativo. A deficiência não representa um atributo da pessoa, mas sim, um estado particular de funcionamento o qual necessitamos entender e acolher, avaliando os aspectos gerais do sujeito para prever a organização do seu processo de aprendizagem e experiências.

Ainda, pude refletir sobre um público e um serviço que até então eram desconhecidos para mim, entendendo a importância deste espaço, como direito, para promoção da dignidade e vida para os sujeitos, rompendo com a lógica de exclusão e enxergando as individualidade e possibilidades para além das dificuldades. Posso afirmar que o CAPS é um espaço de socialização, de encontros, de busca por qualidade de vida para quem vivencia. É um espaço para acreditar e transformar.

### Referências Bibliográficas

BRASIL. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial.** Ministério da Saúde. Brasília. 2004.

[http://www.ccs.saude.gov.br/saude\\_mental/pdf/sm\\_sus.pdf](http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf)

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** 2008. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192)

CORTE REAL, Luciane Magalhães; PICETTI, Jaqueline. **Aprendizagem amorosa: transformações na convivência de aceitação do outro como legítimo outro.** Tese de doutorado. PPGEDU. FAGED. UFRGS, 2007. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11094/000605560.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

FRÖHLICH, Raquel. Políticas de inclusão escolar e a constituição de normalidades nos sujeitos com deficiência. In: THOMA, Adriana da Silva (in memoriam); HILLESHEIM, Betina; SIQUEIRA, Carolina de Freitas Corrêa (Orgs.). **Inclusão, diferença e políticas públicas** [recurso eletrônico]. 1. ed. – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019, p. 55–73. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2719/1/Inclus%C3%A3o%20diferen%C3%A7a%20e%20pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas.pdf>

## 2.2.2

### Relatos e (re)significados da atuação pedagógica em um Centro de Atenção Psicossocial Adulto

Ana Paula Vanoni Klein

Ao longo do Curso de Licenciatura em Pedagogia na UFRGS, pouco a pouco vamos descobrindo novas possíveis áreas de atuação para pedagogas, além da tradicional – mas não menos importante – educação infantil e anos iniciais. Muitas vezes, tínhamos pouco ou mesmo nenhum conhecimento sobre esses lugares e suas possibilidades.

Ao ingressar na quinta etapa do curso, é dada aos graduandos a oportunidade de escolher a área em que gostariam de realizar o primeiro estágio obrigatório do currículo, entre as opções estão: Atendimento Educacional Especializado, Educação Especial, Educação Social e Gestão Educacional. Cada uma dessas opções gera um novo leque de espaços para atuação. Destaco aqui os espaços voltados para educação em saúde dentro da área da Educação Especial em que são ofertadas vagas para estágio no Centro de Atenção Psicossocial Infantil, no Centro de Atenção Psicossocial II Adulto e no Geração POA.

Minha experiência se deu de forma virtual dentro do Centro de Atenção Psicossocial II Adulto que possui vínculo funcional com o Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). De acordo com a instituição, pode ser definido como:

O Caps II HCPA é um serviço componente da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), especializado no tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais graves, cuja severidade justifique sua permanência em ambiente de cuidado intensivo, comunitário e

personalizado [...]. O Caps é referência para atendimento especializado de saúde mental aos moradores da Lomba do Pinheiro, Partenon, Zona Leste e parte da Zona Nordeste do município de Porto Alegre. (HCPA, 2021, s/p).

O CAPS II é aberto para o público atendido de segunda a sexta das 08:00 às 17:00 horas, sendo além de um espaço médico, também um local para socialização e protagonismo dos usuários. O serviço conta com o atendimento de uma equipe multiprofissional, formada por profissionais da área da Psiquiatria, Assistência Social, Terapia Ocupacional, Educação Física, Enfermagem, Psicologia e Pedagogia.

Minha atuação se deu por meio da participação nas reuniões gerais de equipe, onde são discutidos os novos acolhimentos, assuntos ligados à organização e funcionamento do CAPS com toda a equipe multiprofissional. Após a reunião geral, acontecem os seminários do grupo de terapia ocupacional, educação física e pedagogia (SEFTO), onde são apresentados e discutidos temas como Depressão Maior, Rede de Apoio Psicossocial (RAPS) de Porto Alegre, Terapia Ocupacional, entre outros.

Na sequência, é feita a supervisão do grupo, onde são discutidas pautas relevantes para a semana, bem como conversas sobre o desenvolvimento das oficinas realizadas pelos membros da equipe. Foi por meio dessas reuniões onde se deram meus primeiros contatos com o funcionamento do CAPS, onde as supervisoras de estágio apresentaram o espaço e contaram um pouco da história do atendimento a saúde mental desde a reforma psiquiátrica no Brasil e a criação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no município de Porto Alegre, destacando sua importância enquanto espaço pertencente ao Sistema Único de Saúde (SUS). De início, me vi em uma posição de “não pertencimento”, bem como é descrito no trecho a seguir

[...] Foi assim em uma discussão em reunião de equipe, em que se evidenciava uma separação entre servidores/as, estagiários/as e residentes, onde só os/as primeiros/as se colocavam como “a equipe”.

Uma sensibilidade co-gestiva construída a partir da experiência GAM permitiu-nos, naquele espaço, o reconhecimento de que, apesar de proveniências distintas, todos éramos equipe. Mais além disso, levou-nos, ainda, ao questionamento se também os/as usuários/ as do serviço não poderiam ser considerados/as equipe (...) onde as figuras de pesquisador/a, cuidador/a, usuário/a circulam entre os/as participantes e o que se coloca em evidência são as experiências dos/das envolvidos/as e os saberes que elas suscitam. (PALOMBINI et al., 2021, p. 112).

No entanto, com o passar do tempo e o acolhimento da equipe, passou a se tornar mais claro nosso papel, importância e pertencimento à equipe como estagiárias de Pedagogia. Em relação à atuação diretamente com os usuários do serviço, pude experienciar um primeiro momento, por meio de uma oficina de artes visuais, elaborada por mim a partir da observação de outras oficinas.

Tendo como princípio a frase do médico e pesquisador brasileiro Emerson Merhy (2021, s/p), "o campo da saúde não é para vigiar os corpos, mas sim para facilitar o enriquecimento de mais vida nas vidas", a oficina foi pensada para ser um espaço de acolhimento das ideias e liberdade criativa dos usuários por meio de movimentos artísticos históricos.

Dividida em 9 encontros, a oficina de arte, saúde e educação, abordou o Cubismo, o Abstracionismo e o Impressionismo, seguindo o interesse prévio dos usuários. Durante os encontros foi possível perceber o envolvimento dos usuários com o tema abordado e as propostas práticas, as quais realizavam dando muito significado a elas. Destaco aqui, em especial, um dos encontros referentes à Arte abstrata, na qual foi reproduzida uma música e os participantes da oficina convidados a desenhar aquilo que viessem à sua mente no momento ao escutar a canção. Durante essa proposta, um dos usuários desenhou um cérebro com um cadeado e uma chave, em seguida explicando que o motivo dos elementos do desenho eram pelo sentimento de que seu cérebro fica bloqueado às vezes, por pensar demais e não conseguir ter calma para organizar os seus pensamentos, mas que, no entanto, ao realizar a proposta conseguiu se

concentrar na música, que o acalmou, permitindo realizar a dinâmica do jeito que ele queria, com a seguinte frase: *“As vezes meus pensamentos ficam bloqueados, mas acho que se eu conseguir desbloquear, posso ir além”*.

Já ao longo do período de estágio, surgiu a proposta da criação de um livro de memórias do CAPS, pensado em conjunto com uma colega também graduanda em Pedagogia, que realizou estágio obrigatório no mesmo espaço que eu, a Júlia Schames. A partir de perguntas previamente estabelecidas (envolvendo assuntos como filmes, música e comidas preferidas), entrevistamos os usuários que se sentissem à vontade em conversar conosco para compor o livro de memórias. A equipe multiprofissional também foi convidada a participar, por meio de um formulário contendo as mesmas perguntas. A ideia é que o livro ficasse exposto na sala de convivência do serviço, para que todos pudessem olhar e assim perceberem suas semelhanças e diferenças, dessa forma estreitando o laço entre equipe e usuários. A vida, as singularidades, as narrativas singulares, as multiplicidades de vivências e a história de vida é que estarão em destaque, e não o adoecimento, os transtornos graves psicossociais e outras marcas das narratividades biomédicas.

Ao fim do estágio, fica a sensação gratificante de ter feito parte de um serviço tão importante no campo da saúde mental, reconhecendo suas potências e barreiras, bem como a necessidade de que relatos acerca do trabalho realizado pelo serviço – e os diferentes profissionais que o conduzem – alcancem a população em geral, dessa forma trazendo à tona a importância social do CAPS e mostrando que a Pedagogia pode ir muito além dos espaços escolares formais.

### Referências Bibliográficas

Dallegrave, Daniela; Gai, Daniele Noal Gai; Ceccim, Ricardo Burg. Racionalidades e medicalização da escola. In: **"Fármacos, remédios, medicamentos: o que a escola tem com isso?"**. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/project/farmacos-remedios-medicamentos->

o-que-a-educacao-tem-com-isso/. Acesso em novembro de 2021.

Brasil, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Mental**. Disponível em: <http://cgj.tjrj.jus.br/documents/1017893/1038413/politica-nac-saude-mental.pdf> . Acesso em novembro de 2021.

Emerson Mehry. Rede Unida. **Cuidado no Entre Profissional**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ilacwgeKoeE>. Acesso em novembro de 2021.

## 2.2.3

### O estágio obrigatório em um Centro de Atenção Psicossocial Adulto: experiência no atendimento remoto em saúde

Miriam Chiara Coelho Pavan

*“Temos viajado? Temos saído do lugar que nos pedem que ocupemos? Temos inventado, criado, pensado de verdade?” (Walter Omar Kohan, 2013, p. 139)*

#### O estágio no Centro de Atenção Psicossocial

O presente relato se trata do estágio de docência I, realizado em 2020/2 no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. O CAPS

é um serviço componente da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), especializado no tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais graves, cuja severidade justifique sua permanência em ambiente de cuidado intensivo, comunitário e personalizado (PORTAL HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE, s.d).

O local, que surge como parte da luta antimanicomial, atende moradores de alguns bairros de Porto Alegre, como Partenon e Lomba do Pinheiro, além da Zona Leste e parte da Zona Nordeste do município. O CAPS conta com a atuação de profissionais de diversas áreas, como psiquiatras, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, pedagogas e profissionais de educação física. Além disso, o CAPS também é um espaço de aprendizagem, em que estudantes de pedagogia, enfermagem, psicologia, educação física, serviço social, terapia ocupacional e residentes de psiquiatria realizam sua formação.

A portaria nº 336 de fevereiro de 2002 institui, dentre outros, as atividades que prestam assistência aos pacientes do CAPS II, sendo elas o

atendimento individual (medicamentoso, psicoterápico, de orientação, entre outros), atendimento em grupos (psicoterapia, grupo operativo, atividades de suporte social, entre outras), atendimento em oficinas terapêuticas executadas por profissional de nível superior ou nível médio; visitas domiciliares; atendimento à família; atividades comunitárias enfocando a integração do doente mental na comunidade e sua inserção familiar e social (BRASIL, 2002, s/p).

O estágio de docência no espaço do CAPS II se deu a partir deste contexto, também atentando ao que considera a Portaria nº 3.088 de dezembro de 2011 ao instituir as diretrizes de funcionamento para a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), promovendo uma atenção humanizada e centrada nas necessidades das pessoas (BRASIL, 2011). Sendo assim, essa prática em saúde mental dentro da graduação em Pedagogia foi orientada pela professora Daniele Noal Gai, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e supervisionada pelas servidoras do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, uma terapeuta ocupacional e uma profissional de educação física.

### **Desafios do estágio curricular no CAPS**

A proposta a ser elaborada no estágio era criar um Instagram para o grupo de usuários que acompanhariam a oficina de Criação e Experimentação, onde poderiam publicar sobre seus momentos no CAPS, desde poesias, desenhos e demais produções que se interessassem em expor. Juntamente com minha dupla, ao longo de 10 semanas, foram realizadas as oficinas para desenvolver essa proposta. Nas primeiras semanas buscamos conhecer o espaço, os usuários, as supervisoras e demais estagiários, bem como a estrutura das oficinas. Esse processo inicial foi intensamente dialogado, procurando compreender quem eram os indivíduos que participavam das oficinas e quais

seus gostos, para, dessa maneira, compor o Instagram com aquilo que desejassem visualizar e compartilhar.

Após, coletivamente foi criada a conta na rede social, nomeada como “Caps Alegria” e descrita como um “lugar de apoio aos usuários de saúde mental”. Durante as oficinas também dialogamos sobre a história, memória, vida e rotina de cada um dos presentes. Foram partilhadas fotos, poesias, desenhos, bordados, músicas e experiências durante esses momentos.

Alguns dos desafios enfrentados que se relacionam ao estágio apresentaram-se antes mesmo de seu início. A pandemia de covid-19 trouxe consigo a impossibilidade de estarmos presencialmente trocando experiências, aprendizados e vivências. Além disso, se relacionar de forma remota dificulta a comunicação e afeta diretamente a saúde mental, física e social. Partindo desse cenário, a tarefa de realizar uma oficina online que visava a construção coletiva de uma rede social pareceu intrigante e desafiadora, principalmente em um primeiro momento. Através de uma tela precisamos conhecer o serviço, os usuários e a equipe, tornando nossa atuação, no princípio, um pouco abstrata.

Também pode ser elencado enquanto um desafio a inserção de estudantes de pedagogia nesse novo ambiente e outra área, que conta com diversos profissionais ligados à saúde e uma estrutura diferente a de que um docente em formação está habituado. O espaço do CAPS e tantos outros espaços não escolares não são comumente abordados durante a graduação, assim como não há muito incentivo para a participação nesses. Consequentemente, existem algumas barreiras impostas pelos próprios estudantes que necessitam ser rompidas, como o frequente pensamento de que o CAPS (e a área da saúde, em um geral) não é espaço de atuação do pedagogo.

Do mesmo modo, se deparar com um público diferente do que estamos familiarizados foi desafiador, uma vez que ele demanda práticas e processos que aparentam ser diferentes dos aprendidos em uma Faculdade de Educação, mas que, ainda assim, podem incluir os conhecimentos específicos da pedagogia.

Esses conhecimentos colaboram para estabelecer um vínculo com o público do CAPS, composto por usuários, profissionais e demais indivíduos que ali se inserem. É importante ressaltar que tanto esse desafio quanto os outros citados, trazem consigo uma provocação que encoraja a busca por novos percursos e pela ressignificação da prática pedagógica construída até o momento.

Foi igualmente desafiador, mas extremamente necessário, olhar para essa prática docente (em formação) e perceber alguns erros, falhas e ajustes que precisam ser efetuados. O exercício de não impor nossa vontade sobre o outro, seja ele usuário ou aluno, reivindica esse olhar sensível voltado para a própria prática e o entendimento de que é essencial flexibilizar os objetivos, as propostas, assim como o planejamento. Esse foi um dos maiores desafios durante o estágio, praticar não só um olhar para nossa prática, mas uma escuta ao outro que tem suas preferências, seus momentos e vivências que merecem ser respeitadas e reconhecidas.

### **Resultados de um estágio docente no campo da saúde mental**

Por fim, o que fica do estágio de docência I é uma imensa gratidão por todos os usuários, equipe e professores, também pela minha dupla, que contribuíram para essa grande experiência de vida e aprendizado, visto que, saindo do estágio, se torna evidente que o CAPS é um espaço de atuação para o pedagogo e que nossa prática é necessária e eficaz nesse ambiente. Ao encerrar esse processo percebo também que lidar com usuários de saúde mental vai muito além de analisar um diagnóstico, é preciso reconhecer que por detrás dele existem indivíduos com suas particularidades, dignos de um tratamento humanizado e sensibilizado.

Através das oficinas os usuários puderam explorar o Instagram e, ao término delas, percebemos o ânimo dessas pessoas em expor as próprias obras, poesias e momentos, em expressar algo de que se orgulham em produzir. Isso primeiramente ocorria a partir de incentivos nossos, mas ao final se tornou algo

de que tinham vontade e prazer em realizar, logo, muitos dos usuários enviavam suas fotografias para serem compartilhadas no Instagram. O que inicialmente aparentava ser apenas a publicação de uma foto e criação de uma legenda, ao final se tornou uma oportunidade de selecionar informações importantes socialmente, organizar os pensamentos e conhecer outras formas de comunicação. Algo que inicialmente parecia ser apenas a construção de uma rede social, ao final se tornou a construção de uma rede de afeto, carinho e cuidado entre todos que participaram da ocasião.

Concluo retomando os questionamentos trazidos por Walter Kohan (2013, p. 139), que me cruzam neste final de estágio: Como foi minha viagem/percurso durante esse semestre? Sai do lugar que me pedem para ocupar? Quais foram as práticas que criei, inventei e pensei dentro do CAPS? As respostas encontro ao relembrar as oficinas, as partilhas em equipe e os planejamentos em dupla. Mas um dos maiores marcos que fica dessa experiência é de que a atuação em saúde mental faz refletir, buscar, imaginar e inovar, essa atuação atravessa toda a vida. Na minha vida, de forma especial, atravessou neste semestre.

## Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002**. Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Brasília, 2011.

KOHAN, Walter Omar. **O Mestre inventor**: Relatos de um viajante educador. Tradução Hélia Freitas. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

PSIQUIATRIA. **Portal Hospital de Clínicas de Porto Alegre**. Disponível em: <<https://www.hcpa.edu.br/assistencia-servicos-medicos-psiQUIATRIA>>. Acesso em 27 abr. 2021.

# 2.3

## GerAção/POA – Oficina Saúde e Trabalho



## 2.3.1

### Experiências de uma discente da pedagogia na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS)

Ágata Prates Pedroso

Este ensaio analítico aborda questões levantadas ao longo do Estágio Obrigatório I do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação/UFRGS, em Educação Especial, mais especificamente na área da Saúde Mental. O local do estágio foi o Geração Poa, que se trata de uma Oficina Saúde e Trabalho, um serviço que integra a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e, portanto, tem como objetivo promover ações em saúde, educação, trabalho e cultura direcionadas a usuários da saúde mental e focados na saúde do trabalhador.

O Geração Poa é um espaço sustentável que visa estimular o desenvolvimento de atividades e trocas sociais, sendo também um espaço inclusivo para repensar novas perspectivas sobre o mercado de trabalho na conjuntura atual e propõe isso através da perspectiva e princípios da Economia Popular Solidária e da aproximação e aprendizagem com instituições formadoras, promovendo a reinserção dosicineiros no mercado de trabalho.

Esse espaço consiste em um modelo de trabalho coletivo que se configura em uma variedade de interações entre agentes de diferentes áreas profissionais, como assistência social, psicologia, educação física, enfermagem, terapia ocupacional, entre outros. Além disso, toda a gestão acontece de forma horizontal e as oficinas são autogestionadas pelosicineiros.

Em 2021, em razão da pandemia do covid-19, as diversas oficinas estavam

acontecendo de forma híbrida, com alguns oficinairos participando online através de chamada de vídeo e alguns de forma presencial no espaço do Geração, respeitando os protocolos de segurança sanitária e com agendamento de horário para o melhor controle do fluxo de pessoas. Assim como, a partir dos decretos da UFRGS e do Estado, esse estágio foi realizado integralmente de forma online.

Logo no início dos meus encontros para conhecer a supervisora e o espaço já me senti bem à vontade, principalmente por já ter uma admiração enorme com o trabalho incrível que a Adriane da Silva faz no Geração e ser uma fã dos produtos artesanais feitos lá. A medida em que fui me aproximando dos estudos da reforma psiquiátrica no Brasil, entendendo a função da RAPS, o funcionamento do Geração e como acontece de fato o controle social do SUS, foi um divisor de águas na minha jornada docente e na construção de uma pedagoga que luta com unhas e dentes pela garantia do tratamento de práticas de educação e saúde em liberdade e que reivindica a presença de pedagogos e pedagogas nesses espaços de saúde mental.

Resumidamente, minha atuação dentro do Geração era na Oficina de Ativismo Antimanicomial, que foi criado a partir de uma outra oficina que já não existe mais, chamada GeraCurso. Esta oficina teve como finalidade preparar os oficinairos para que juntos criassem propostas para levar para a V Conferência Nacional de Saúde Mental que aconteceu em 2022, e que é um importante espaço de promoção do debate da saúde mental com os diversos setores da sociedade.

Junto com outras residentes de outras áreas, a Kassia Flores da Terapia Ocupacional, a Raiza Boger da Enfermagem e também na presença da fundadora do Geração, Kátia Barfknecht, e da supervisora Adriane da Silva, fazíamos uma leitura dinâmica de documentos importantes como resoluções de Plenárias de outros eventos de controle social do SUS ou de propostas que se encaixam na temática de geração de renda e economia solidária, como associativismo e

cooperativismo social, a fim de construir não só propostas políticas para a Conferência.

Com essa proposta busca-se também uma formação educativa na luta antimanicomial, para que todos tenham conhecimento dos seus direitos e tenham condições justas de reivindicar que sejam aplicados na prática, pois como sabemos, esse é um grupo marginalizado na sociedade e sofre constantemente com ataques aos seus direitos e ameaças de desmonte dos serviços de assistência em saúde mental. Ademais, assim como todas as práticas dentro do Geração, essa oficina acontece de forma extremamente horizontal, com as residentes e estagiárias apenas organizando as questões de ordem e propondo metodologias de ensino para garantir que seja um espaço de aprendizagem coletiva em que uns aprendam com os outros.

Ao longo da minha observação na Oficina, surgiu a ideia de que criássemos uma espécie de manual da luta antimanicomial, com o objetivo pedagógico de organizar os materiais que discutimos e servir também como material de consulta para outros grupos que tenham interesse em iniciar essas discussões em seus territórios. E então surge a Cartilha do Ativismo Antimanicomial, organizadas por mim e pelas residentes Kassia e Raiza, juntamente com a Adriane e revisadas por todo o coletivo.



Imagem 1: Capa da Cartilha e Sumário da Cartilha (Fonte: Arquivo da autora)

Além disso, a partir do interesse de algunsicineiros em retomar os estudos ou utilizarem o espaço do Gera para acessar atividades escolares quando não possuem recursos tecnológicos em casa, surgiu a possibilidade de eu realizar um Apoio Pedagógico Especializado com umicineiro de 62 anos, aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que estava no 1º Ano do Ensino Médio e estava tendo aulas remotas, e com dificuldade de acessar essas aulas e realizar as atividades, em razão desse distanciamento com o uso da tecnologia.

A partir disso, comecei a ter encontros com esseicineiro via chamada de vídeo para auxiliá-lo nas atividades da escola. Eu entrava no Google Sala de Aula com ele, escolhíamos uma disciplina e uma atividade e eu pesquisava e separava uma vídeo aula retirada do Youtube para ele assistir antes do nosso encontro, então quando eu o encontrava nas quartas-feiras às 9h, pedia para ele que compartilhasse a tela e ia auxiliando-o a abrir o e-mail, abrir um documento para fazer a atividade, como fazer uma pesquisa no Google, repassava o enunciado da atividade, entre outras coisas. Entretanto, em diversos momentos eu sentia que caminhava numa linha tênue entre auxiliá-lo a criar autonomia e fazer o papel de professora, inclusive pelo vínculo estabelecido e que foi crescendo. Ao longo desse apoio, esseicineiro constantemente me questionava se era necessário continuar acompanhando as aulas online, já que estava conseguindo auxiliá-lo a entregar todas essas atividades pendentes, portanto, me deparava diversas vezes reafirmando que minha posição ali era de escuta, acolhimento e apoio para que ele conseguisse construir autonomia para ter a liberdade de acessar as aulas, as informações, os conteúdos e o e-mail sempre que precisasse, como uma espécie de transição, e, portanto, não poderia e nem gostaria que nossos encontros substituíssem a escola, pois cada uma das instituições e professoras possuíam papéis diferentes na vida escolar e de

trabalho dele.

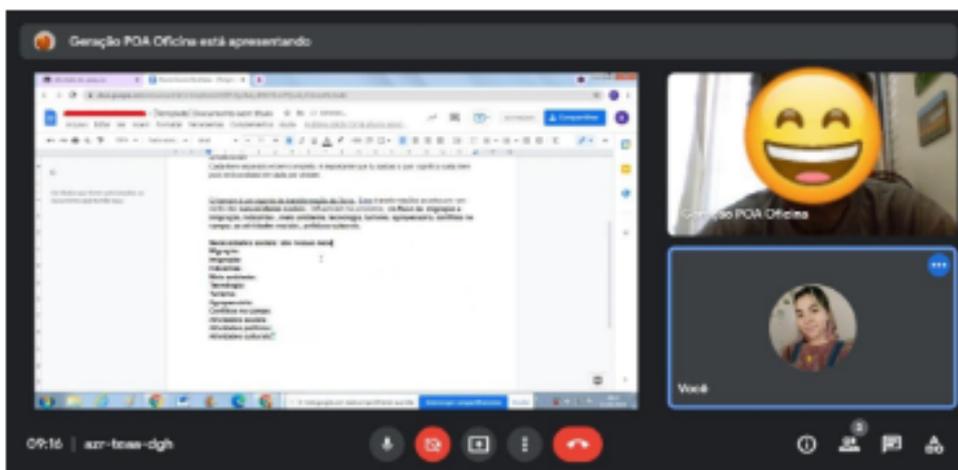


Imagem 2: Apoio Pedagógico Especializado 13/10/21 (Fonte: Arquivo da autora)

Da mesma forma, tive a oportunidade de participar de outras atividades dentro do Geração. Acompanhei um pouco da oficina GeraFotos, em que observamos as fotos tiradas pelosicineiros durante a semana e as selecionamos coletivamente, tentando encaixar com algum poema ou frase, para então serem comercializadas de alguma forma. Assim como também participei do Grupo de Comercialização, em que eram debatidas as pautas relacionadas às vendas, organização de horários na loja, organização de eventos, entre outros, e que nas últimas sextas-feiras do mês, dava espaço para a realização do Conselho Local de Saúde.

Ademais, dentro das minhas atividades rotineiras estava a participação nas reuniões de equipe, em que nos reuníamos para discutir as pautas relacionadas ao acolhimento dos usuários, estudos de caso, avaliação das oficinas e detalhes de encaminhamentos, alternando com tempo para seminário de estudo em que realizamos leituras coletivas acerca das questões psicossociais que envolvem os usuários do Geração para que nos mantenhamos atualizados e sempre pensando estratégias para melhorar o atendimento aos usuários e todas as suas singularidades.

Ao longo dessa experiência no estágio, pude perceber que o Geração é um espaço de portas e janelas abertas, janelas para inspiração, espaço para os usuários serem o que querem ser, onde o desenvolvimento dessas diversas atividades artesanais, culturais e educativas propiciam o resgate da autonomia e valorização do sujeito. Dito isso, o papel de uma pedagoga nesses espaços de saúde são para garantir cada vez mais a construção desses espaços de educação permanente em diversos espaços de saúde em que dialogar, escutar, planejar junto da equipe, incentivar a refletir sobre as diferentes perspectivas e possibilidades de trabalho na tentativa de que o usuário de saúde mental seja protagonista de sua vida e seja mais do que um estigma.

*Nós não queremos manicômios, queremos sim um cuidado em Liberdade.*

*Queremos serviços SUS, sem ações manicomiais, que são excludentes.*

*É necessário quebrar estigmas, pois não somos um CID, somos sujeitos cheios de direitos.*

*Queremos desenvolver nossas capacidades e habilidades como trabalhadores. Queremos o reconhecimento pela sociedade de que todos podem trabalhar, que todas as pessoas tem potencialidades dentro das suas diferenças. Somos capazes e produtivos para a sociedade, apenas precisamos de apoio e oportunidades para exercer o direito ao trabalho.*

*(Manifesto Geração POA, 2021)*

Sendo assim, nossa presença nesses espaços de atendimento psicossociais não servem de forma alguma como substituição da escola, mas, sim, reivindicam a importância da educação nos espaços não escolares, pois segundo Paulo Freire (1996, p. 96): “a educação é uma forma de intervenção no mundo”. E nada mais justo que possamos intervir positivamente para a construção de protagonismos, autonomia e de uma luta antimanicomial multidisciplinar e interdisciplinar, a partir da perspectiva de uma economia solidária, sustentável e de promover o desenvolvimento pessoal e humano acima do lucro.

## Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ROHR, Dirceu L. **Manifesto Geração POA: Direito ao Trabalho**, em Porto Alegre. [S./.]: Oficina Saúde e Trabalho, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/geracaopoa/posts/3836849719758822> . Acesso em: novembro de 2021.

## 2.3.2

### O GerAção e a Pedagogia: trabalho, economia solidária e saúde mental

Rafaella Ayumi Hoshi

#### O GerAção e a Pedagogia

Como estudante de Pedagogia da UFRGS, tive meu estágio obrigatório em uma área que possibilitou o vínculo entre a educação e a saúde e como forma de consolidar todo o meu aprendizado dos últimos meses, resolvi escrever para que consiga articular todas as informações e vivências que constituíram o meu estágio no GerAção POA (GERA POA). Foram desenvolvidos e definidos diversos conceitos base ao longo da minha rápida, mas intensa experiência, com o auxílio dos textos escolhidos pelas servidoras públicas da secretaria municipal de saúde que compõem a equipe multiprofissional do Gera POA. Eram importantes e desafiadores os debates feitos entre a coordenadora, as servidoras preceptoras, os estagiários, os residentes, e, principalmente, os enormes ensinamentos trazidos pelos oficinairos, repletos de bons sentimentos e sabedoria.

#### Sobre o Geração

Atualmente localizado no Bairro Rio Branco, o GerAção POA refere-se a um serviço híbrido de economia solidária e saúde, ou seja, uma mistura dos dois campos. Sendo assim, tem como base a própria Economia Solidária e as Oficinas – de Trabalho e Terapêutica, que juntas formam a metodologia inclusiva e ética de geração de renda.

Com o objetivo de alcançar a reabilitação psicossocial, trata-se de um trabalho dinâmico, possibilitado a partir dos esforços e conhecimentos da equipe, constituída por duas psicólogas, duas terapeutas ocupacionais, um profissional da higienização e outro da portaria, 122 oficineiros – sendo 88 em contato atualmente –, e o trabalho de vários estagiários e residentes, das diversas universidades de Porto Alegre e região.

A equipe do GerAção está sempre aberta, com o seu olhar atento, às inquietações, curiosidades e sugestões de todos os indivíduos participantes do processo, mas também não deixam de observar o silêncio, as inibições e até mesmo as ausências dos oficineiros, buscando sempre trazê-los para as oficinas e, se necessário, fazer intervenções e ter os cuidados exigidos, para que seja possível promover o bem estar e a saúde mental de cada um. Visto que mais de uma vez, durante o estágio, presenciei conversas preocupadas, sobre a situação de algum oficineiro, de alguma das pessoas. Observei com entusiasmo que eram possíveis aproximações e ligações confortantes, fazendo com que todos se sintam pertencentes, e não apenas isso, mas também possam saber que são acolhidas e vistas com muito carinho e cuidado.

No GerAção POA uma perspectiva importante assumida é o trabalho e a autonomia, sendo assim, destaco uma Lei que afirma o Trabalho como um Direito Social. De acordo com a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015:

#### CAPÍTULO VI: Do Direito ao Trabalho

Art. 34. A pessoa com deficiência tem direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

Art. 35. É finalidade primordial das políticas públicas de trabalho e emprego promover e garantir condições de acesso e de permanência da pessoa com deficiência no campo de trabalho.

Parágrafo único. Os programas de estímulo ao empreendedorismo e ao trabalho autônomo, incluídos o cooperativismo e o associativismo, devem prever a participação da pessoa com deficiência e a

disponibilização de linhas de crédito, quando necessárias. (BRASIL, 2015, s/p).

O acesso ao direito do trabalho, possibilitado pelo GerAção, oferece formas de desenvolvimento social e emocional, além de poder favorecer aspectos da autonomia, responsabilidade, resgate da cidadania e da produtividade. Ao que se refere às realizações que o trabalho traz para os usuários da saúde mental, é apontado a partir das pesquisas que destacam aspectos como: o desenvolvimento social, o amadurecimento pessoal e o reconhecimento social.

### **Oficinas de Saúde Mental**

Assim como referido acima, o GerAção POA ocorre por meio das oficinas de saúde mental, considerando que a partir dos movimentos da Reforma Psiquiátrica no Brasil, o trabalho passou a ser considerado um instrumento de ocupação, baseado na prática de reinserção social, satisfação pessoal e independência, portanto, tornou-se necessário uma ferramenta de intervenção na rede de reabilitação psicossocial.

Posto isso, as oficinas caracterizam-se pela possibilidade do fazer no coletivo – o fazer junto, e são vistas como facilitadoras de expressão do sujeito. O Gera, então, é visto como um espaço da clínica e do trabalho, definidos como: “Lugares subjetivos diferenciados e praticados, que possibilitam diferentes experimentações dos modos de viver o sofrimento psíquico e estabelecer estratégias de inclusão social”. (FERREIRA; ORTIZ; BARFKNECHT; SENNA, 2012, p.2). E pelas palavras dos oficinairos:

*Quem tem problema de saúde mental vive na bolha da dificuldade. A importância das oficinas, para mim, é que elas nos fazem esquecer um pouco disso. Não nos tratam com o “coitadismo”, pois a gente pode, sim, fazer. São espaços que permitem que a gente faça outras coisas, aprenda novas coisas. (OFICINEIRO, 2021, DIÁRIO DE ESTÁGIO).*

## A Oficina Terapêutica

A palavra “terapêutico” está inclusa no trabalho do GerAção, mas é insuficiente para descrevê-lo. Trata-se de uma visão mais articulada para o usuário em seu tratamento. Trazendo para o âmbito do cuidado, temas da vida cotidiana como trabalho, moradia, cultura e lazer. Considera o processo terapêutico em si, muito mais importante do que o produto final, assim como as relações e vínculos estabelecidos durante as atividades. A produção faz parte do tratamento de cada um, por isso não há a necessidade de ser comercializada. Possibilita a ampliação dos territórios de circulação social e seu poder contratual de acessar espaços que antes não eram comuns.

## A Oficina de Trabalho

Assim como mencionado anteriormente, o trabalho é um direito social, por isso ocorre a discussão e a reflexão das diferentes formas de relação do processo no GerAção POA, de forma que não reproduza o ato alienante e promotor do adoecimento, como é visto nos serviços formais. Tem como princípio a valorização do trabalho e do cidadão em questão, mantendo a sua interação social. O cotidiano das Oficinas de trabalho do Gera POA é permeado por trocas de saberes e desenvolve o sentido de pertencimento, com a segurança de que: “eu faço parte de um coletivo”. Diferentemente das Oficinas Terapêuticas, as de Trabalho possuem preocupação com a qualidade e venda do produto final. Nota-se o desejo, a vontade, o carinho e a boa vontade do fazer, a partir de momentos ricos em saberes, como, por exemplo, fala um dos oficinairos:

*“O trabalho permite ser produtivo, pensar ideias, ser criativo, aceitar as diferenças e discutir coletivamente. Não se consegue conviver sem trabalho. Depois de atravessar a doença mental, fazer um trabalho e fazer bem, é um ímã para outras fases”. (OFICINEIRO, 2021, DIÁRIO DE ESTÁGIO).*

## A Economia Solidária

Sendo o GerAção POA um espaço que possibilita o compartilhamento de saberes, produção de autonomia e protagonismo, que reafirma a potência do cuidado em liberdade, trata-se de um processo coletivo que desenvolve o conhecimento individual, buscando romper com a exclusão do contexto capitalista. Ocorre a partir das relações horizontais, ou seja, sem a figura do chefe, abertos para todas as sugestões, que partem do grupo, do coletivo, do trabalho. Todos podem dar soluções, sugerir pautas, fazendo com que o trabalho seja totalmente administrado de forma justa e antiautoritária, trazendo a tona à ideia de equidade.

No GerAção POA, assim como em outros serviços de saúde pública, há a atuação de um Conselho Local, neste caso é constituído pelos gestores, servidores e oficinairos. A decisão desses representantes foi amplamente discutida e escolhida por meio de eleições, que tiveram a participação de todos. Por tratar-se de um espaço democrático de propostas, prestações de contas, organização de eventos e ações importantes, há debates construtivos para as melhorias e busca por soluções de pautas trazidas ao longo das semanas. Caso haja a necessidade de alguma decisão importante, ela ocorre de forma participativa, passando pelo conhecimento de todos os participantes, e as decisões finais são realizadas pelo grupo como um todo, em uma plenária, e com muita transparência.

Baseando-se na importância do respeito às singularidades e coletivização do trabalho, diferencia-se do sistema capitalista por diversas pautas, entre elas considerando que quanto mais produtividade eles tiverem, mais lucro eles obterão para a divisão entre os oficinairos e compra de novos materiais.

Por tratar-se de um elemento de geração de renda, buscando formas de inserção social e econômica, a remuneração ocorre de acordo com o tempo investido por cada um, e não pela produtividade em si. Antes da pandemia,

quando as oficinas ocorriam de forma presencial, a divisão de renda ocorria a partir do número de presenças nos eventos e oficinas, contadas a partir de um livro com assinaturas, sendo assim, todo o dinheiro – tirando a parcela restrita à compra de materiais –, era dividido pelo número de presenças. Já no contexto que nos encontramos atualmente, de forma online, eles dividem de acordo com o número de oficinairos ativos nas oficinas, de forma igualitária.

*“Nós, do conselho, apresentamos as pautas e as decisões. Colocamos para todos nós sabermos, e darmos a nossa opinião”. (OFICINEIRO, 2021, DIÁRIO DE ESTÁGIO).*

*“Cada um tem as suas particularidades, mas aqui é tudo compartilhado. Como a gente aprende na diversidade. Num processo coletivo, todo mundo aprende e ensina. Aprende com a diferença do outro, acresce alguma coisa nossa. A gente cresce e amadurece. É importante todos sermos como somos, para que seja possível agregar do nosso jeito. Individualmente cada um tem a sua maneira de ver e sentir as coisas, por isso é importante compartilhar com o grupo”. (OFICINEIRO, 2021, DIÁRIO DE ESTÁGIO).*

## **Os Princípios da Economia Solidária**

Destacam-se alguns princípios e possibilidades para a economia solidária: reciclagem, preservação do meio ambiente, responsabilidade, cooperação, trabalho em equipe, troca de conhecimentos, solidariedade, confiança, companheirismo, inclusão social, divisão de renda, horizontalidade, aprendizado mútuo. Contra o sistema capitalista que promove a competitividade entre indivíduos para gerar mais produção. O capitalismo relaciona-se a termos, como “mais valia”, que traz como consequência o sofrimento e a desmotivação, além de ser considerado um trabalho alienado. Quanto mais os trabalhadores do sistema formal e capitalista produzem, mais geram riqueza para os chefes melhor remunerados ou proprietários das empresas.

## **Sobre os Oficineiros**

Oficineiros, esta é a denominação utilizada para referir-se aos usuários do GerAção, de forma a não resumir-los à seus diagnósticos. Foi decidido democraticamente de acordo com o Conselho Local, que a melhor forma de reconhecê-los seria a partir do trabalho que realizam, descentralizando da doença e trazendo para um âmbito mais estético, que remete à autonomia, ao respeito e à produtividade dos mesmos. Os oficinairos são super empenhados na produção dos produtos e participam de todas as fases, tanto nos debates para a escolha de cantores, escritores, artes e frases, quanto na montagem, além da parte harmônica e decorativa, e não ausentando-se da etapa comercial, ou seja, das vendas dos produtos. São legítimos experts, tem diversas vivências, possuem domínio das oficinas, e se orgulham muito do que fazem. É notável o amor que eles aplicam em cada produto e isso torna o GerAção ainda mais especial.

## **Sobre as Oficinas do GerAção POA**

Por causa da pandemia da Covid-19, acabei conseguindo participar apenas das oficinas que ocorrem de forma remota. A partir de plataformas digitais consegui acompanhar, na tentativa de me fazer presente ao máximo, mesmo que de forma online.

- **Preceptorial:** A cada quinze dias ocorre uma reunião de equipe, com todos os servidores, residentes e estagiários, para que seja possível compartilhar todas as vivências, dúvidas e acontecimentos. Intercalado a isso, participamos também de seminários, com temas essenciais, escolhidos a partir das demandas que se apresentam ao longo dos debates das questões gerais. Este dia é o único que não ocorre a participação dos oficinairos.

- **Leitura:** É a oficina que estuda sobre leituras, citações, frases e escritores, como forma de homenageá-los, colocando nos produtos as suas obras.
- **Ressoar:** É a oficina que lida diretamente com as redes sociais, produzindo cartilhas virtuais, postagens, divulgação dos produtos e apresentação dosicineiros por meio de vídeos.
- **Música:** Assim como a Oficina de Leitura consiste no estudo sobre letras e cantores, para homenageá-los, colocando nos produtos as suas obras. Trata-se também de um espaço para o compartilhamento de canções, muitas vezes de autoria dosicineiros e troca de informações sobre a área musical.
- **Bordado:** É a oficina que se preocupa com a estética, a parte visual e o acabamento dos produtos. Nesse espaço, ocorrem Rodas, mesmo que de forma online, de bordados, onde todos bordam e conversam. Quando entra uma pessoa nova, osicineiros se disponibilizam, de forma super acolhedora, para auxiliar no ensino dos pontos principais.
- **Gera Curso:** Comissão para a organização de Minicursos, que consiste na apresentação do Gera Poa, com o objetivo de ensinar os outros municípios sobre a geração de renda.
- **Comercialização:** É a oficina que ocorre importantes discussões, sobre valores, orçamentos, descrição dos produtos. No presencial as vendas ocorrem por meio de lojas físicas, já no meio virtual, as vendas online estão sendo feitas pelos sites.
- **Fotos:** É a oficina que ocorre o estudo das fotos, tratando-se também da sistematização para colocá-las nos produtos e na organização dos catálogos. Na forma online, todos osicineiros desta oficina compartilham fotos do seu dia a dia através do grupo do Whatsapp, e quando se encontram, debatem sobre elas.

- Sapato de Sofia: Parceria com Belo Horizonte através da Cia do Girassol, e estudo sobre a Economia Solidária no Ai Tchê, uma união entre Porto Alegre/Rio Grande do Sul e Belo Horizonte/Minas Gerais.

Lembrando que as oficinas não param por aí. Dentro do espaço do GerAção ainda existem várias outras possibilidades de participação e atuação, como por exemplo, a costura e a serigrafia e o Apoio Pedagógico Especializado.

### **Pedagogia e o Estágio**

Considerando que um dos maiores intuitos do GerAção gira em torno de fazer com que osicineiros obtenham conhecimento dos seus direitos perante a sociedade, o trabalho pedagógico pode complementar, com sua forma dinâmica de construir conhecimentos partilhados, mediar aprendizados e promover laços e vínculos para as pessoas, buscando possibilidades para que isso ocorra de forma constante e gradual.

Segundo a leitura da Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire (1996), notamos que ensinar não é transmitir conhecimento. Podemos relacionar essa forma de atuação pedagógica ao funcionamento do GerAção, onde osicineiros participam, tornando-se sujeitos do processo de aprendizagem, construção, troca, produção, baseando-se no respeito mútuo e na troca de saberes, considerando a não necessidade de uma hierarquia no processo.

Infelizmente, nas 80 horas de estágio remoto, tive pouquíssimo tempo para conseguir aprofundar as leituras e o vínculo da forma que eu queria, mas já foi o suficiente para encantar-me por toda a proposta das oficinas. Osicineiros retêm um vasto e farto conhecimento sobre toda a vivência do Geração, possuem muita experiência e, constantemente, compartilham os fatos já presenciados.

Como estagiária, minha participação principal estava relacionada ao Gera Curso, com o intuito de mediar a construção de alguns conceitos e organizar

algumas informações mais teóricas, numa tentativa dinâmica de fazê-las compreender-las ou sistematizá-las para suas participações nos Minicursos. Já como a curiosa que sou, meu percurso pelo GerAção foi bem mais amplo, passando por todas as oficinas, e o máximo de debates que consegui, o que de fato fez ter um pouco de propriedade para falar do assunto, que era a intenção inicial. Em contrapartida, não estava esperando que ao conhecer mais me apaixonaria tanto por um Projeto de geração de renda e cuidado em saúde mental.

Acredito que tenha sido uma das experiências mais ricas que já vivi, ainda mais tratando-se da vida acadêmica. Foi incrível poder conhecer uma área tão maravilhosa, e poder me incluir profissionalmente nela. Dizem que estagiários chegam nos locais para agregarem seus conhecimentos aos projetos, mas por melhor que tenha sido o meu percurso no GerAção, afirmo com total certeza de que fui eu quem recebi o melhor, com importante aproveitamento. Acredito que esteja saindo com uma nova visão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, aquela que sai da caixinha, e um coração muito mais leve, repleto de amor e respeito pelo próximo.

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL, 2015, **Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm?fbclid=IwAR3NOIvIkoyJtRKQTZ5zduqTJoWZa4Q\\_N4GDNRx3IggCBIBj-41taNLBmok](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm?fbclid=IwAR3NOIvIkoyJtRKQTZ5zduqTJoWZa4Q_N4GDNRx3IggCBIBj-41taNLBmok); Acesso em 12 abr. de 2021.

FERREIRA, Carmen V. P.; ORTIZ, Jussara N.; BARFKNECHT, Kátia S.; SENNA, Leila B. **GerAção POA Oficina Saúde e Trabalho: Gerando ação em Porto Alegre.** Porto Alegre: 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RODRIGUES, Darice C.; FICK, Tanise K.; BARFKNECHT, Kátia S. **Outros Territórios Possíveis?** Cartografando a experiência do trabalho em oficinas de geração de renda. Porto Alegre: 2021.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** Paul Singer – 1ª ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

## 2.4

### Pedagogia na Saúde e Diário de Estágio: Possibilidades e Desafios da Área de Educação Especial<sup>4</sup>

Daniele Noal-Gai

#### **Sobre o Estágio Docente I da Licenciatura em Pedagogia e a Atuação na Saúde**

Neste texto apresentamos um recorte, a pandemia da Covid-19, um momento de cuidados sanitários, distanciamento e isolamento social, muito peculiar para a educação, e que enfrentamos na educação de modo geral e na universidade, diversas violências, desestruturações, desinvestimentos, incertezas e abalos. Além de tudo nos perguntávamos e nos perguntaram todo tempo: acontecerá o estágio remoto em meio a uma pandemia e as dificuldades de saúde, de tempo, de renda, de conexão e de construção de vínculos à distância?

Esta escrita, portanto, traz uma análise da docência universitária na graduação em Pedagogia, a orientação de estágio docente no campo da Educação Especial, Inclusão e LIBRAS da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), os desdobramentos da atuação neste campo, na formação das estudantes estagiárias, o encontro com as instituições e serviços nos quais acontecem as práticas docentes, as aprendizagens, o acolhimento e a inclusão dos estudantes e usuários mediados por tais estagiárias. Um estágio da área de Educação Especial do Departamento

---

<sup>4</sup> Este ensaio parte de anotações em Diário Docente e de uma apresentação no Seminário sobre Estágios em Licenciatura da UFRGS organizado pela Coordenadoria das Licenciaturas (COORLICEN).

de Estudos Especializados (DEE) com atuação de docentes na orientação das estudantes de Pedagogia.

No ano de 2018 aconteceu a primeira oferta desse estágio, com 30 horas da disciplina de Seminário de Estágio Docente I Educação Especial, Processos e Práticas e 102 horas da disciplina Estágio Docente I Educação Especial, Processos e Práticas. A oferta das disciplinas para matrícula das estudantes iniciou com a reforma curricular do Curso e que, com diferentes seminários integradores e relatórios sobre os diálogos da comunidade da FACED, deveria proporcionar experiências significativas em espaços educativos, para além do encontro com os espaços escolares.

Sendo assim, foi estruturado um plano de ensino, com ementas e conteúdos, baseados nas necessidades do campo relacionadas à Educação Especial e à saúde, e também à formação em Pedagogia. Inicialmente pensamos nos conceitos, leituras, pesquisas, políticas e aprendizagens das estudantes estagiárias, assim como no Diário de Estágio, como suporte para registros cotidianos das práticas, dos desafios e das construções desta atuação, e como registro para a avaliação processual e analíticas das práticas desenvolvidas.

Trataremos especificamente do estágio nos serviços de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS), em Hospital referência da região central de Porto Alegre/RS, em Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil e Adulto e em serviço de Saúde mental, Economia Solidária e Geração de Renda. Oportunidade na qual a atuação multiprofissional é marcada pelo encontro da pedagoga em formação, com os profissionais e outras estagiárias destes espaços, sendo em sua maioria das áreas da saúde .

As atividades de ensino se iniciam na FACED, junto às turmas de 05 a 12 estagiárias, com discussões coletivas, aulas expositivas e dialogadas, seminários com leituras dirigidas, estudos da legislação e encontro com convidados com experiência e produção reconhecida na articulação entre educação e saúde. A orientação de estágio se dá desde o planejamento, as intervenções pedagógicas

e a avaliação, em que nos dedicamos a dialogar processualmente, ao longo de um semestre de estágio, com teoria e prática. Aqui, lembremos, contaremos sobre um período de orientação que se deu através do Ensino Remoto Emergencial, chamado também pela sigla ERE na UFRGS. Uma disciplina com uma especificidade a destacar, devido aos ajustes e avaliações processuais exigidas por este percurso inicial na docência, e neste caso a prática de orientação e o estágio em si, se deram à distância, desafiando a todas ao longo do percurso formativo.

A pergunta a ser feita, ainda que não seja a central neste texto, é, ainda: – qual o lugar da pedagogia na saúde? Ou: – qual o lugar da pedagoga na saúde? E tanto docentes orientadoras, como orientandas em estágio na saúde, somos convocadas a refletir sobre essas questões que asseguram que pode haver um lugar ou mesmo que existe, sim, um lugar para a pedagogia na saúde. E somos, todas, com isso, convocadas a sustentar um olhar e um fazer, que é ético, tem uma ética docente, alinhado à promoção da saúde.

### **Da Docência Compartilhada à Atuação em Equipe Multiprofissional: Desafios da Atuação da Pedagogia na Saúde**

Contamos com as supervisoras de estágio nos campos de atuação de nossas estudantes, e trocamos com as docentes orientadoras, nossas colegas de área e departamento, com todas as suas experiências e possibilidades pessoais e profissionais de trocar conosco e com o coletivo. Torna-se um processo complexo, envolvendo diversos personagens, diferentes saberes de experiência e compreensões singulares de um estágio como aqui relatado.

Necessitamos de uma multidão e suas multiplicidades, agenciamentos coletivos, e alguns movimentos coletivos consensuais propositivos. Essa multidão modifica e faz diferir o contexto, as práticas e processos quando alguns aspectos comuns entram em contato, se deslocam para o discurso e se fazem práticas. São movimentos por diferir e para diferir que reúnem esta multidão,

das quais desfrutamos a rotina de trabalho, as partilhas de leituras e a densidade e aprofundamento de estudos.

Cada encontro com cada uma das estudantes é próprio, exige olhar ao detalhe da fala, do dito, do relatado, do vivido, daquilo que é experienciado no seu estágio. Não há possibilidades de formação de estudantes estagiárias com solidão, com distanciamento, com cobranças, sem troca sistemáticas, sem cordialidade, sem afeto, sem confiança. Sem dúvida dominar o conteúdo da área de Educação Especial e as políticas que a articulam com a saúde tornam ainda mais significativos os processos de identificação e de trocas entre docentes e estudantes.

O nosso incentivo tem sido para que as estudantes estabeleçam encontros produtivos e afetivos, sempre que possível formando duplas de trabalho, construindo assim importante prática, mediação, atendimento e apoio, que chamamos de docência compartilhada. Na área de Educação Especial, e em seu campo de conhecimento e produção, temos como ponto comum indiscutível a docência que pode ser planejada e exercida na companhia responsável de outra pessoa com mesma formação ou com propósitos de trabalho comuns. A efetividade e a qualidade do ensino quando a prática se dá em docência compartilhada tem sido comprovada neste estágio também.

No caso do estágio na saúde, sustentamos a complementaridade de práticas, a partilha de saberes em redes experientes e redes articuladas, ou seja, um estágio docente com atuação compartilhada, com efetuação compartilhada do planejamento de atividades, de oficinas, de intervenções, de atendimentos etc. A atuação da pedagogia na saúde (NOAL-GAI, 2021) pode ser colocada em debate, sobretudo se considerarmos as especificidades dos serviços de saúde, ainda que sejam espaços potentes para o trabalho em equipe multiprofissional, o trabalho em rede, a produção de um cuidado pedagógico e a promoção de saúde. A Pedagogia age a partir destas mesmas matrizes e diretrizes, estruturadas a partir da reforma sanitária e com as políticas que sustentam o

cuidado ofertado gratuitamente pelo SUS. Contudo, existe a compreensão de que o profissional da área de Pedagogia deverá se comprometer exclusivamente e individualmente pelas aprendizagens escolares, mediação do brincar, encontros para recreação e inclusão social das crianças e adolescentes usuários dos serviços de saúde. Neste estágio as estudantes aprendem que compõem uma equipe, composta também por educadores que conhecem e se comprometem com o cuidado em saúde e o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Um encontro de uma estudante de pedagogia em formação, cursando o quinto semestre da base curricular de seu curso, em que aproveitou, até chegar neste estágio, poucas intervenções e leituras neste campo específico de atuação: a Pedagogia na saúde. Poderíamos perguntar como acontece a procura e o interesse por esta área de atuação da pedagoga em formação. Algumas afirmações são possíveis e se tornam importantes para análise, como o perfil pesquisador das estudantes, o desejo de diálogo com suas veteranas em busca de referências ampliadoras da formação, assim como a vontade de experienciar e trocar com usuários e profissionais de espaços educativos para além da escola comum e das Salas de Recursos e Integração (SIR) que ofertam o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Desse modo torna-se também um encontro de estudantes estagiárias com o campo da Educação Especial em atuação historicamente descrita em documentos oficiais como responsável pelo atendimento educacional hospitalar e domiciliar de crianças e adolescentes afastados da escola comum devido a tratamentos prolongados, recorrentes ou complexos de saúde. São estudantes de licenciatura, são educadoras, em contato com uma possibilidade profissional e aproveitando todos os confrontos e belezas do vínculo com usuários, familiares e equipes multiprofissionais do SUS.

Sabemos que se trata de problematização que exige um exercício intelectual rigoroso, com ações coletivas integradas, entrecruzando saberes

educacionais, clínicos e populares. Ainda assim, defendemos que são saberes a serem confrontados por diferentes áreas e perspectivas de compreensão e feitura do Sistema Único de Saúde, em um espaço, sala, andar, serviço específico; não sendo exclusiva a relação entre profissões ou áreas da saúde. São encontros da pessoa com formação em Licenciatura em Pedagogia com o SUS e as suas diretrizes, e também com o atendimento em saúde acontecendo, sendo produzido junto aos usuários, respeitando singularidades, e, em ato, promovendo saúde.

Os espaços da saúde incluídos no plano de ensino e formação deste estágio tem memórias e histórias, por seu fazer são referência local e se constituem em unidades formadoras. Assim como as instituições que se sustentam entre saberes, práticas e poderes, estas também podem ser analisadas com tais características. Estão alicerçadas em memórias, carregadas de memórias de uma clínica e uma terapêutica do campo da saúde, do campo médico, da clínica médica, da biomedicina, da enfermagem, da psicologia, da fisiologia etc. Algumas práticas segregacionistas do ponto de vista da história da Educação Especial são menos frequentes, mas acontecem ainda, a depender da formação do profissional e da omissão dos profissionais do setor ou serviço: contenção, práticas de manejo violentas, práticas bioascéticas, práticas disciplinares, práticas normalizadoras, práticas medicalizadoras, práticas capacitistas etc.

Os serviços tanto de saúde quanto aqueles escolares, tem consigo alguns princípios, uma ética, porém, não podemos entender e consentir que sejam engessados e que por isso se tornem repulsivos e excludentes frente a atuação que traz alguma produção de potência para a diferença. Ainda que respeitando o que está estruturado, com ritmo próprio de trabalho e intervenção, e, inclusive com suas representações de como é ou pode ser a docência e a atuação de um docente, a saúde como um campo de atuação é composta por práticas que necessitam do olhar e fazer pedagógico do educador licenciado em Pedagogia.

A Pedagogia na saúde (NOAL-GAI, 2021) encontra, por vezes, um lugar, e é colocada neste seu lugar, sem que este possa ser nomeado, inventado, problematizado ou construído na prática deste profissional em contato com os usuários, familiares e equipes nos serviços de saúde. Certamente que essa afirmação não pode ser generalizada e encarada de forma simplista, uma vez que aqui afirmamos a supervisão compartilhada e as equipes multiprofissionais em composição e atuação pelo fortalecimento e qualificação do serviço prestado pelo SUS. A área de Educação Especial em atuação no campo da saúde produz necessariamente aprendizagens, acolhimento e inclusão, por ser um princípio da perspectiva educacional inclusiva que assumimos.

Conforme Lei nº13.716, de 24/09/18 que altera a Lei 9.394, a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais: “É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado”. Com este estágio e formação inicial as estudantes de Pedagogia poderão investir desejo e estudos a fim de atuarem em equipes multiprofissionais, em espaços de saúde, como: centro de atenção psicossocial, classe hospitalar, apoio educacional hospitalar e domiciliar, espaços de recreação pediátrica, de internação hospitalar, de reabilitação, de estimulação essencial, de assistência pediátrica ambulatorial, de prevenção, no atendimento educacional especializado. A Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva ao organizar parâmetros, formação e atendimento para as pessoas com deficiência em processo de escolarização, diz o seguinte:

Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado e deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes

domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial. (BRASIL, 2008, p.18).

Processo de entendimento e de mudanças que gera desgaste e cansaço para as equipes comprometidas com o direito das crianças e adolescentes hospitalizados e/ou que estão afastados das suas atividades escolares regulares para tratamentos de saúde, uma vez que a gestão dos serviços, sejam secretarias ou diretorias, não investem esforços, planejamento e orçamento para garantir tais direitos e a contratação de pedagogas. A Licenciatura em Pedagogia da UFRGS vem fazendo um trabalho importante, especialmente com a oferta deste estágio, que possibilita a formação e a atuação em Educação Especial, para que egressas possam ocupar com competência classes hospitalares, apoio educacional especializado, salas de recreação terapêutica, atendimento e estimulação de crianças no leito, ou outros nomes que ao longo de nossas pesquisas identificamos em hospitais nacionais.

### **Diário de Estágio: Impressões Acerca da Atuação da Pedagogia na Saúde**

Alguns encontros provocadores de pensamento e que podem ser considerados disruptivos aparecem nos registros realizados pelas estagiárias em processo de formação. Durante os encontros de orientação com suas professoras referências da faculdade, as falas francas, o desejo de aconselhamento e o elo de confiança se estabelece. Porém, é no Diário de Estágio que as estudantes são convidadas a registrar as experiências do estágio para revisitar seus processos, sensações, estudos, planejamentos, análises e percursos.

Destacamos algumas de nossas perguntas problematizadoras, que servem para produzir pensamento pedagógico, ações e processos inclusivos. Fizemos a primeira lista numerada de 01 a 06, com as perguntas, as dúvidas, as questões para pensar com a turma de estagiárias. Na segunda lista, também numeradas de 01 a 06 rascunhamos e arriscamos algumas respostas. Sugerimos que leiam com atenção e disponibilidade para se colocar nas cenas de estágio:

*1 - Construir o site do CAPS como um fazer administrativo ou com objetivo educacional específico, de construção coletiva e promoção de cuidado pedagógico?*

*2 - Como a carga horária totalizará 80 horas? Como acontecerá o estágio remoto em meio a uma pandemia e as dificuldades de tempo, de rendas, de conexão e de construção de vínculo?*

*3 - Não sabemos; ou sabemos e não sustentamos: “qual é o lugar da pedagogia na saúde mental”?*

*4 - Organizar e imprimir as folhas/folhinhas pré-preparadas para os atuais e/ou futuros usuários que apresentem dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita?*

*5 - E o dia em que o teleatendimento planejado e construído a partir das singularidades de uma jovem usuária de saúde mental dita com dificuldades de aprendizagem não aconteceu no sentido de marcá-la com qualquer déficit e sim com potências?*

*6 - Como se dá um estágio remoto, com encontros à distância e/ou propostas pensadas para serem enviadas ou postadas em mídias digitais para usuários em tratamento e hemodiálise?*

Abaixo enumeramos alguns dos desdobramentos e respostas para as perguntas listadas anteriormente:

*1 - A importância no desenvolvimento integral dos usuários, a divulgação do site, a apresentação para a equipe, se seguiu de uma proposta para a estudante estagiária seguir o trabalho no serviço de saúde mental formalmente, com remuneração do seu estágio não-obrigatório. A mesma estudante hoje é egressa, fez seu Trabalho de conclusão de curso sobre a experiência no CAPS Adulto e está cursando mestrado em que estudará literatura e loucura.*

2 - *Construção de planejamento alinhada ao estudo de caso, com produção de material pedagógico desdobrado em dois temas em vídeos: conversa sobre estudos em casa; construção de jogos com materiais da natureza. Confrontar não foi uma opção, as estagiárias buscaram justificar como seria limitador para a formação delas e para as crianças as folhas impressas com personagens estereotipados dos desenhos animados. Seguras, orientadas, investiram na produção de vídeos de qualidade, orientadores para estudos e processos de crianças com crianças e adolescentes.*

3 - *Dobraduras, poesia, recortes, colagens, sacos higienizados e entregues aos usuários em tratamento e hemodiálise para a produção e experimentação desses objetos construídos com o tema halloween. Uma construção que desafiou o receio com a contaminação, porém, tudo foi confeccionado pensando na possibilidade de passar álcool em gel e assim ser reutilizado para novos encontros com a comemoração do dia das bruxas. A aproximação das estagiárias se deu nos detalhes, no momento, no desejo dos usuários e equipe do serviço.*

4 - *Poetas, poesias, artistas plásticos, autores e autoras para marcar a produção de pessoas pretas no dia da consciência negra em um Centro de Atenção Psicossocial ocupado majoritariamente por pessoas em sofrimento psicossocial grave pretas.*

5 - *O forte desejo de escrita sobre a experiência no estágio, a estruturação de tema de pesquisa para o Trabalho de conclusão de curso com o tema da Pedagogia na saúde.*

6 - *O encaminhamento da jovem usuária de saúde mental para que se seja reconhecida como estudante do atendimento educacional especializado de sua escola, e o acompanhamento da Rede de saúde de referência da sua comunidade e escola.*

As provocações acima não estão nos Diários de estágio das estudantes, com a exata redação que apresentamos aqui, nós também alimentamos o hábito de escrever Diários sobre/com o estágio docente e a prática de docência universitária, e alguns destes pontos foram registrados por nós para lembrar

quanto nos mobilizaram como turma, como coletivo, como educadoras orientadoras e elas como educadoras em formação. A possibilidade de anotar em Diário o que vivenciamos e conversamos, especialmente aquilo que grita, que precisa ser sublinhado, gera uma potência reflexiva e argumentativa que não carece de sustentação em manuais, compêndios, leis, diagnósticos etc. Após a conclusão dos estágio é que foi possível ver nos Diários de estágio virtuais das estudantes no seu todo, como linha do tempo, as nossas anotações tinham muitas semelhanças com as nossas e registravam o que nossas orientações reverberavam nas suas escritas, assim como em suas práticas.

### **Considerações Prospectivas para a Pedagogia na Saúde**

A orientação e supervisão compartilhada auxilia a troca, a partilha, a complementação de ideias, e também no suporte do inesperado dos fatos, mediação dos acontecimentos vividos e relatados pelas estagiárias no processo de estágio docente. O mesmo pode se dar na docência compartilhada ou na atuação em duplas ou equipes com planejamento compartilhado. As equipes multiprofissionais reivindicam um currículo outro, que priorize articulações e não engessamentos e disciplinarização. Não se trata de defender privilégios, mas afirmar que o trabalho em duplas, trios ou equipes qualifica o trabalho prestado.

Formar uma estudante de pedagogia exige-nos orientação, diálogo, acolhida, cuidado, mediação, escuta potencial às diferenças. Uma orientação que entenda a contemporaneidade e se coloque à disposição de uma escuta potencial das diferenças em encontro. De um encontro em que as docências se espelham, se misturam, se apoiam, seguem juntas e se tornam referência na vida profissional docente de cada uma das estagiárias e suas orientadoras. Entendemos, dessa forma, que se trata de um estágio de disrupturas, que confrontam o lugar da Licenciatura em Pedagogia e da atuação da pedagoga. Por isso é que é uma prática que se alicerça na Área de Educação especial e em diretrizes e construções de conceitos e enunciados desta área, que reivindica

outros olhares e fazeres, não ortopédicos, normatizadores, normalizadores e estigmatizadores, como olhares e compromisso profissional não apenas médico fundamentados para o tratamento de pessoas atípicas.

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. Ministério da Educação. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, que dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências**. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº13.716, de 24/09/18 que altera a Lei 9.394, a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais**. Brasília, DF, 2018.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DINIZ, Débora. **Deficiência, Direitos Humanos e Justiça**. (2009). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sur/a/fPMZfn9hbJYM7SzN9bwzysb/?lang=pt>

NOAL-GAI, Daniele Noal. **Ética (Viva) do Brincar**. Curitiba: CRV, 2021.

# Seção 3:

# Outros Encontros



# 3.1

## Narrativas em Saúde Mental: uma oficina de escrita com mulheres em tratamento por adição

Willian Domenique Campos dos Santos

Daniele Noal-Gai

Rute Adriane Schaab

### **O convite: como chegamos até a casa terapêutica**

No ano de 2022, o Projeto de Extensão Universitária Geringonça [Pedagogias da Diferença. Ecologias da Vida], vinculado a Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) continuou a navegar por e entre diferentes projetos, ações e intervenções em comunidades, espaços educativos e de promoção de saúde, desenvolvendo e articulando realizações artísticas, pedagógicas, sensíveis, poéticas, lúdicas e diferenciadas. Uma dessas navegações, a convite da Coordenadoria Municipal da Mulher de um município da grande Porto Alegre/RS, fomos até a uma casa terapêutica<sup>5</sup> do mesmo município, para a realização de três encontros originadores de movimentos incentivadores de leitura e escrita. Tratava-se de uma comunidade terapêutica que acolhia mulheres em tratamento pelo uso abusivo de álcool e outras drogas, o que imediatamente nos fez pensar sobre nossa posição nesta cena, uma vez que nossa defesa é pelo cuidado em saúde mental em liberdade, em espaços não asilares e cerceadores da liberdade.

Nossa conexão com a Coordenadoria da mulher deste município vizinho de Porto Alegre/RS se dá através da relação com uma aluna egressa do curso de

---

<sup>5</sup> Destacamos que o espaço é conhecido e nomeado na região como Casa Terapêutica, embora seja uma Comunidade Terapêutica.

Licenciatura em Educação do Campo da UFRGS, curso que se aproximou do Projeto Geringonça desde a criação das primeiras ações extensionista, especialmente através de suas convergências estético, ético, políticas. O projeto, mediante seus bolsistas e coordenadora, ao longo daquele ano, manteve-se próximo da Educação do Campo, realizando ações voltadas às mulheres e educadoras do campo.

Como todo projeto de extensão universitária, o Projeto Geringonça busca trabalhar com e na comunidade, entendendo esta como parte fundamental da produção de conhecimento e promovendo “encontros em diversos espaços para compor e jogar com” (GAI & KORTH, 2022, p.431). O Projeto Geringonça carrega em seu nome a afirmação de que age através e com Pedagogias da Diferença e tem como princípio as Ecologias da Vida, entendendo: “Pedagogias da Diferença como ações que respeitam e valorizam cada ser em sua inteireza e potência, com as diferenças e singularidades. Ecologias da Vida como as relações que se criam entre: os seres, o espaço, a ambiência, as propostas, o jogo” (GAI & KORTH, 2022, p.431), e foi a partir destas premissas que os encontros na casa terapêutica ocorreram.

O convite para estes encontros na casa terapêutica chegou intencionado pelas possibilidades que o conhecimento da Pedagogia poderiam proporcionar às mulheres que estão acolhidas em relação à demanda de fomentar a leitura e a escrita. Como Gai e Kroth (2022) apresentam:

O encontro acontece em quaisquer – e nos mais distintos – espaços e tempos. É preciso *ir ao* encontro. Encontro é um movimento que acontece entre chegadas e partidas. Encontro é troca, que necessita de dois – ou mais – lados, corpos, coisas, objetos. Não se faz encontro só. *Um encontro acontece com*. No encontro, os envolvidos estão abertos, dispostos, entregues e confiantes no que está por vir e por acontecer naquele espaço-tempo em que se está junte.” (GAI & KORTH, 2022, p.422, grifo das autoras).

Nos encontros, estávamos dispostos a promover um espaço de cuidado e produção sensível, e também nos direcionarmos aos objetivos esperados tanto pela Coordenadoria quanto pelas mulheres da casa. Além disso, buscávamos entender o cotidiano e o funcionamento geral da casa. Isto, pelas dúvidas e questionamentos que surgem a partir das chamadas casas terapêuticas ou comunidades terapêuticas que podem ser percebidas a partir de configurações manicomiais de segregação e higienização (FERRAZZA et al, 2017). Portanto, o objetivo deste artigo é expor reflexões acerca das intervenções de promoção de leitura e escrita realizadas na casa terapêutica para mulheres em tratamento por adição ao álcool e outras drogas.

### **A Casa Terapêutica: encaminhamentos e acompanhamentos**

Para entender sobre o funcionamento da Casa Terapêutica conversamos com a responsável pela administração do espaço que, além dela, possui outras quatro mulheres que compõem o quadro de funcionárias do local. Além destas, as mulheres em tratamento no local, recebem auxílio de uma nutricionista, uma assistente social e uma psicóloga, que prestam atendimento na casa, porém não são funcionárias e não fazem parte da Rede de atenção psicossocial (RAPS).

Conforme nos foi informado em diálogo com a gestora, as mulheres em tratamento pelo uso abusivo de álcool e outras drogas chegam até a casa de três formas: internação particular, trazidas por suas famílias, através do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do município e provindas de todo o estado por meio do convênio que a casa possui com a Secretaria Nacional de Cuidados e Prevenção às Drogas (SENAPRED). Portanto, o espaço é mantido com verbas particulares, estaduais e federais. A Casa Terapêutica é uma entidade sem fins lucrativos e a internação é voluntária.

Sobre o processo de tratamento, a responsável nos relata sobre como “o vício em drogas e álcool é uma doença que não tem cura e está muito ligada ao comportamento e define que este local atende pessoas que já esgotaram demais

opções de tratamento”. Deixa claro que o intuito da casa terapêutica é “promover hábitos que possam garantir o bem estar delas além do convívio entre pares”, pois, de acordo com a nossa interlocutora, “só uma pessoa enfrentando a dependência pode entender e dar suporte para outra pessoa com a mesma doença por conhecer a dor da doença da dependência”. Fomos informados também que a casa terapêutica trabalha com os 12 passos dos Alcoólicos Anônimos, com a filosofia *Day Top* e com o Amor Exigente em conjunto com as famílias. Sobre a filosofia *Day Top*, a responsável cita duas frases, uma que resume o que a casa terapêutica representa no momento em que as mulheres são internadas: “Estou aqui porque, finalmente, não há mais como refugiar-me de mim mesmo”, e outra que traz a importância da vivência entre pares: “Onde, se não em meus companheiros, poderei encontrar este espelho?”.

O tempo de estadia na casa é de 09 meses até 1 ano, onde nos primeiros 06 meses as mulheres permanecem na casa, recebendo visita de suas famílias uma vez por mês. Dos 06 aos 09 meses acontece o chamado “Inserção do eu na sociedade”, onde as mulheres são reintroduzidas a vida em sociedade ficando com suas famílias durante uma semana por mês e depois retornando ao local para refletir sobre esse retorno a família. Para algumas mulheres esse período é estendido até um ano devido a dificuldades encontradas. Uma dessas dificuldades é o abandono que essas mulheres sofrem, não tendo para onde ir e, portanto, não possuindo esse contato externo à casa que facilite a reintrodução na sociedade. Em relação ao atendimento com psiquiatra e outros profissionais da saúde, elas recebem esse atendimento através do CAPS que as encaminharam, no caso das mulheres advindas desse serviço. Nos demais casos as mulheres são atendidas pelo posto de saúde responsável pela área.

### **A chegada: modos de organização**

No dia 1º de novembro de 2022, assim que chegamos a casa terapêutica, fomos recebidos com sorrisos e xícaras de café em um pequeno espaço externo com um sofá e bancos em frente a casa. Este ambiente – onde encontrava-se uma pequena biblioteca – estava encoberto por uma cortina de fumaça, pois, entre os dedos de quase todas as mulheres, haviam cigarros acesos. Nos apresentamos e conversamos brevemente sobre o tempo e aquela pequena biblioteca que havia nos chamado atenção. Havia poucos livros; muitos deles eram antigos, alguns eram Bíblias e outros eram livros didáticos. Havia poucos livros de linguagem mais cotidiana que poderiam mais facilmente ser de interesse das mulheres acolhidas e instigar o interesse na leitura. Quando perguntamos sobre os livros, poucas se manifestaram: uma delas disse que já havia feito a leitura da Bíblia e outra comentou, com um semblante que indicava uma mistura de alegria e orgulho, que haviam muitos livros ali. No entanto, não disse se já havia realizado a leitura de algum.

Após esse breve momento, algumas das mulheres que já haviam finalizado suas xícaras de café e seus cigarros, iniciavam a organização do ambiente onde poderíamos realizar as atividades propostas. Com isso, após indicação das mesmas, nos deslocamos até um pequeno refeitório do lado da casa para darmos início à oficina.



Imagem 1 – Fotografias da primeira oficina de leitura e escrita com as mulheres da Casa Terapêutica. Fonte: arquivo próprio, 2022.

Para introduzir nossa proposta, pensamentos e expectativas, realizamos a leitura de um conto do Livro dos Abraços de Eduardo Galeano: *A paixão de dizer/1*. Neste conto, Marcela, personagem da história, encontra uma mulher com uma saia imensa com vários bolsos de onde retira histórias para contar.

Marcela esteve nas neves do Norte. Em Oslo, uma noite, conheceu uma mulher que canta e conta. Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papezinhos, como quem lê a sorte de soslaio. Essa mulher de Oslo veste uma saia imensa, toda cheia de bolsinhos. Dos bolsos vai tirando papezinhos, um por um, e em cada papelzinho há uma história para ser contada, uma história de fundação e fundamento, e em cada história há gente que quer tornar a viver por arte de bruxaria. E assim ela vai ressuscitando os esquecidos e os mortos; e das profundidades desta saia vão brotando as andanças e os amores do bicho humano, que vai vivendo, que dizendo vai. (GALEANO, 1991, p. 13).

Este curto conto, que foi utilizado como ferramenta inspiradora do planejamento da oficina, também nos auxiliou a conduzir nossa primeira intervenção e produção escrita. Nesta proposta, cada mulher poderia retirar de uma saia pequenos papéis que continham verbos como *aprender, lembrar, cantar, criar, perdoar, falar* entre outros. Estes verbos tinham como função auxiliar as mulheres a pensarem em frases que comporiam o texto escrito por elas. Assim que todas já tinham um papel em mãos, demos início a produção textual oralmente. Solicitamos que alguém iniciasse e, prontamente, uma delas iniciou sua frase. A partir dessa, de modo extremamente espontâneo, as demais seguiram expressando suas frases que se associavam e substancializavam a personagem. Uma história que era capaz de representar um coletivo e a singularidade de cada uma delas. Neste momento, parecia que o texto estava pronto em uma conexão síncrona entre todas elas e, em poucos minutos, tomou forma através da fala. Era como se aquela história que estava sendo produzida e contada já estivesse pronta muito antes daquele momento. Foi como se a vontade de superar o vício tivesse criado essa conexão para além do consciente, pois, naquele momento, as mulheres da casa terapêutica já sabiam que história queriam contar a medida em que elaboravam e recitavam cada parte do texto.

*Uma menina estava pensando em realizar seus sonhos, mas foram destruídos por um monstro chamado Droga. Ela resolveu voltar e re-escolher o contexto da história. Ela resolveu notar que a diferença é pelo bem que ela faz a si mesma e descobriu que através da verdade e do conhecimento ela pode fazer a diferença. Ela pôde ir a lugares bons por ter feito essa escolha. Ela pôde ver o mundo com novos olhos. Começou a ouvir a voz de Deus que tocou no seu coração. E decidiu fazer diferente para poder ser feliz. Ela deu-se conta que perdeu muito tempo de sua vida com as drogas, mas que tem condições de reescrever uma nova história. Ela decidiu se dar uma segunda chance. Correndo, ela conseguiu achar ajuda. Ela buscou um novo rumo para sua história e ressignificar os seus atos através de seus pensamentos maravilhosos. Aprendeu muito com seus erros. Conseguiu criar muitas expectativas em cima de todos os seus sonhos. Passou a inventar novas maneiras de viver e mudar de estilo de vida. A partir de então conseguiu receber muito amor, carinho, atenção, proteção, afeto e reconstruir sua vida. Resolveu perdoar-se e se internou para poder recomeçar. E, através dessa internação, além de reconstruir a sua história, ela também resolveu cantar. E, então, ela aprendeu a falar, a sentir, a agir como se fosse uma pessoa melhor a cada dia. Ela resolveu, ao invés de fazer coisas erradas, ensinar aos outros a cantar. Ela lembrou que nada estava perdido. (MULHERES DA CASA TERAPÊUTICA, 2022).*

O texto produzido ficou marcado por uma temática de forma bem clara: a recuperação. Mas, também estavam presentes o vício, erros, segunda chances, espiritualidade, objetivos, expectativas, sonhos e reconstrução. Ficou carregado de sentimentos, vontades, sensações, angústias e afetos de cada uma daquelas mulheres.

Após a apresentação da última frase do texto que foi seguida por aplausos de todos que estavam presentes, finalizamos este momento de produção com a leitura de mais um conto do Livros dos Abraços: *A função do leitor/1*. O conto revela a relação e os sentimentos da personagem com a leitura e finaliza com uma frase muito significativa.

Quando Lúcia Peláez era pequena, leu um romance escondida. Leu aos pedaços, noite após noite, ocultando o livro debaixo do travesseiro.

Lúcia tinha roubado o romance da biblioteca de cedro onde seu tio guardava os livros preferidos. Muito caminhou Lúcia, enquanto passavam-se os anos. Na busca de fantasmas caminhou pelos rochedos sobre o rio Antíóquia, e na busca de gente caminhou pelas ruas das cidades violentas. Muito caminhou Lúcia, e ao longo de seu caminhar ia sempre acompanhada pelos ecos daquelas vozes distantes que ela tinha escutado, com seus olhos, na infância. Lúcia não tornou a ler aquele livro. Não o reconheceria mais. O livro cresceu tanto dentro dela que agora é outro, agora é dela. (GALEANO, 1991, p. 14, grifo nosso).

Para o encerramento, realizamos uma dinâmica chamada “Dentro/Fora” em que, organizadas em um círculo, todas podiam gritar para dentro do círculo o que desejam e para fora algo de que queriam se livrar. Muitas palavras e frases foram proferidas. Palavras como drogas, fome, preconceito foram ditas com certa recorrência para fora do círculo. Para dentro, a palavra mais presente foi recuperação. No entanto, outras várias foram ditas, principalmente palavras que representavam afeto, objetivos e esperança.

### **O retorno: o vínculo, o acolhimento e o diálogo sensível**

Nosso retorno à Casa Terapêutica ocorreu no dia 11 de novembro de 2022. Fomos novamente recebidos por quase todo o grupo de mulheres da casa que ocupavam a área externa da casa com seus cigarros e xícaras de café em mãos. Após uma breve recepção, iniciamos uma dinâmica de apresentação com um novelo de lã, pois já não era o mesmo grupo exato de mulheres. Nesta dinâmica o novelo é jogado para uma pessoa e esta pessoa se apresenta falando seu nome e algo que deseja realizar futuramente. Escolhemos essa direção, pois no encontro anterior ficou evidenciado as vontades, os desejos, os receios e os afetos que essas mulheres têm. O exercício de pensar o que as participantes querem visa provocar a indagação do que é importante para elas.

Ao longo desta dinâmica percebemos o cuidado que as mulheres possuem entre si, quando todas ajudavam outras que tinham alguma dificuldade. Ao

término desta apresentação convidamos as mulheres presentes a realizarem a atividade “Desenho Instruído” na qual todas se dividiram em duplas e uma mulher da dupla era vendada enquanto a outra recebia uma imagem e deveria dar instruções para que a que estava vendada desenhasse a imagem.



Imagem 2 – Fotografias da dinâmica de Desenho Instruído. Fonte: arquivo próprio, 2022.

Para a realização dessa atividade foi necessário que as mulheres encontrassem palavras para descrever a imagem recebida, sem falar qual o objeto/forma da qual se tratava. Percebemos o esforço das mulheres tanto em

formular descrições precisas das imagens quanto em realizar desenhos excelentes, à medida que as mulheres terminavam seus desenhos tiravam as vendas e viam o resultado final muitas risadas surgiam. Neste momento em que algumas mulheres realizavam a atividade enquanto outras terminavam de realizar propusemos a escuta de músicas. Perguntamos, então, quais músicas elas gostariam de ouvir e as escolhas foram de músicas importantes para elas, mas só fomos capazes de perceber após o momento em que todas as mulheres presentes cantaram juntas e com muita emoção a música “Como uma onda” de Lulu Santos. Este momento, que não foi planejado previamente, mostrou a potencialidade do encontro com o outro e ainda demonstra a entrega e confiança que estar junto com o outro promove (GAI & KORTH, 2022). O envolvimento e alegria das mulheres dividindo este momento conosco mostrou como somos afetados por esta alegria, pois a partir desta experiência inserimos no planejamento do último encontro cantar a música “Como uma onda” em nosso encerramento. Compartilhamos o momento de alegria com o mundo ao publicar o terceiro episódio da primeira temporada do Podcast Geringonça, onde é compartilhado o áudio da construção do texto que ocorreu no primeiro encontro e da cantoria em conjunto que ocorreu no segundo encontro na casa terapêutica.

Finalizamos este encontro entregando para cada mulher o texto produzido por elas no encontro anterior. Foi realizada a leitura do texto por uma das mulheres e perguntamos a elas sobre um título para o texto. A escolha do título para o texto foi “ESPERANÇA”.

### **A finalização? Encontros que geraram problematizações sobre o cuidado em saúde mental**

As nossas vivências com as mulheres da Casa Terapêutica que objetivavam o fomento à leitura nos trouxeram até o encontro de finalização, que ocorreu no dia 30 de novembro de 2022. Um apanhado de experiências de

vida que cada integrante do projeto trouxe juntamente com os momentos compartilhados com as mulheres foi necessário para planejar este último encontro. Pensando o que deixaríamos para estas mulheres que enfrentam a dependência química, idealizamos a construção de uma mandala/roda da vida e de uma reportagem com as palavras de revistas previamente escolhidas pelas mulheres e a entrega de certificados de participação nas oficinas. Foram organizadas duas ilhas no espaço disponibilizado, onde cada ilha representava uma das atividades propostas, enquanto as mulheres se dividiram em dois grupos e cada grupo realizou uma atividade. Após cada grupo trabalhar na construção da reportagem e da roda da vida, pedimos que trocassem de ilha para que todas participassem das construções. Esta mudança resultou em contrariedades passageiras, pois foi necessário o movimento de aceitar o que o grupo anterior construiu e pensar o que poderia ser feito a partir disto.

Para a construção da reportagem, as mulheres idealizaram sobre a vida da mulher sobre a qual escreveram o texto em nosso primeiro encontro. Foi novamente uma história de superação que surgiu das palavras recortadas das revistas, porém com a dificuldade de juntar as ideias que surgiam com as palavras disponíveis. Finalizada a construção as mulheres leram em voz alta para que todo o grupo visse o resultado e todas as pessoas presentes aplaudiram.

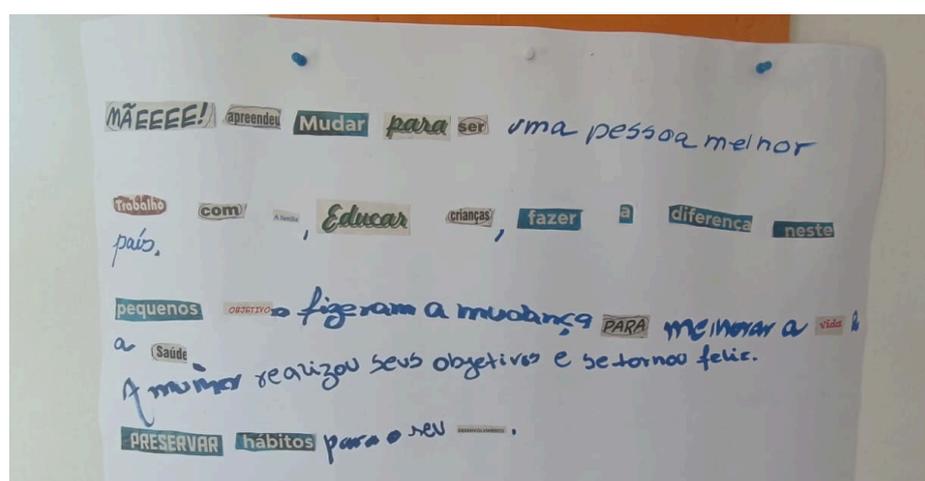


Imagem 3 – Fotografia do cartaz com a reportagem produzida no encontro. Fonte: arquivo próprio, 2022.

Para a construção da reportagem as palavras encontradas nas revistas e jornais não foram o suficiente, para complementar as ideias que surgiam as mulheres escreveram algumas palavras e frases, resultando no texto a seguir:

Mãeee! Aprendeu a mudar para ser uma pessoa melhor. Trabalho com a família, educar, crianças, fazer a diferença neste país. Pequenos objetivos fizeram a mudança para melhorar a vida e a saúde. A mulher realizou seus objetivos e se tornou feliz. Preservar hábitos para o seu desenvolvimento. (MULHERES DA CASA TERAPÉUTICA, 2022).

Para a produção da mandala/roda da vida dividimos o círculo desenhado no cartaz, a partir da decisão coletiva entre o primeiro grupo de mulheres, nos seguintes setores: Família, Recuperação, Espiritualidade e Plenitude e Felicidade. As mulheres presentes na atividade escreviam palavras que representavam o que elas desejam para suas vidas de acordo com cada um dos setores. Em todos os setores a palavra Deus esteve presente mostrando o espaço da religião no processo de tratamento da dependência. Outras palavras recorrentes foram perdão, amor, alegria, respeito e foco, também palavras muito ligadas ao processo do tratamento.



Imagem 4 – Fotografia do cartaz com a mandala/roda vida construída no encontro. Fonte: arquivo próprio, 2022.

Encerramos este encontro em uma roda ao ar livre no pátio da casa terapêutica por sugestão de algumas das mulheres. Iniciamos nossa finalização, cantando juntos a música “Como uma onda no mar”. Após esse belo momento, em que a emoção transbordou entre todos os presentes, foi entregue às participantes um certificado das oficinas promovidas pelo Projeto Geringonça.

As mulheres demonstraram semblantes de alegria e orgulho pela conquista e nós por estarmos lá e poder experimentar a criação com elas. O que tornou especial cada momento dentro da casa terapêutica foi o carinho, entusiasmo e envolvimento com que cada mulher nos presenteou. Nosso planejamento nos deu suporte para os momentos vivenciados, porém a história que cada mulher carrega foi o que singularizou cada atividade.

Porém, saber que pudemos abrir espaço para a criação, música, leitura e convivência neste momento da vida delas mostrou o lugar da Pedagogia neste processo de tratamento da dependência química. Representando a ligação que o Projeto Geringonça sempre defendeu entre a educação, saúde e arte:

Objetivamos, talvez, através de nossas experiências, a promoção e junção entre saúde, educação e arte. Saúde como o nosso estado atual e bem estar - seja físico ou mental. Educação como as relações que tecemos ao longo do caminho, com aprendizagens, trocas, partilhas, contaminações, sensações, afetos, potências, experiências, redes, coletivos. Arte como o ponto de intersecção, de encontro, de reflexão, um espaço, o limbo de expressão, de sentimentos, de sensibilidade, de reconhecimento. (NOAL *et al*, 2022, p.45)

Este encontro foi marcado por palavras, algumas que as mulheres escolheram, outras que foram tiradas das revistas, mas todas selecionadas pelas mulheres em tratamento da adição por álcool e outras drogas para constituir este momento da vida delas. Para nós participantes do Projeto Geringonça as

mulheres escolheram escrever uma mensagem no quadro branco que compõe o espaço utilizado para realizar os encontros.

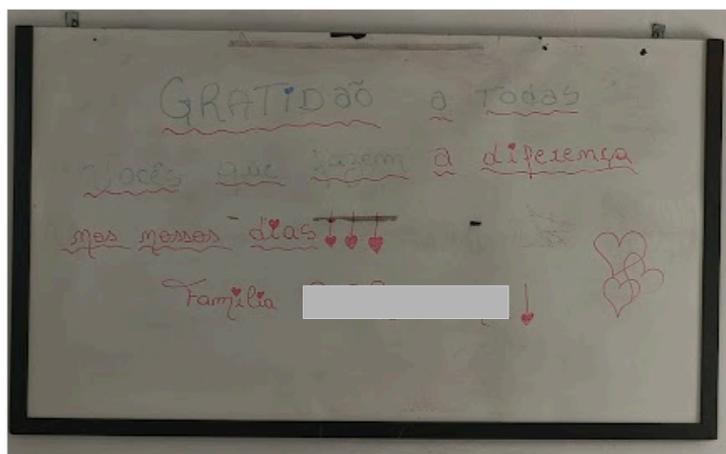


Imagem 5 – Fotografia do quadro branco da Casa Terapêutica em que uma das mulheres escreveu a seguinte mensagem: “Gratidão a todas vocês que fazem a diferença nos nossos dias!”. Fonte: arquivo próprio, 2022.

### Narrativas em saúde mental e uma clínica antimanicomial das drogas

Os encontros realizados foram marcados pelos mais diversos objetivos e esperanças de cada indivíduo presente que convergiam em um único propósito: aprendizado. “Aprende-se a cada encontro, sejam eles alegres ou tristes, sejam eles bons ou maus encontros. Cada encontro afeta de uma maneira distinta e singular, aproximando-se ou distanciando-se de nossa natureza e ética.” (GAI & KORTH, 2022, p. 423).

Ao longo dos três encontros que tivemos na Casa Terapêutica percebemos um grande apelo à religiosidade seja na fala das mulheres internadas ou no espaço que recebe visitas semanais de um pastor. As falas como “Se Deus quiser”, referindo-se que se for da vontade de Deus elas conseguirão se curar, o que nos traz um sentimento de abandono por parte do sistema de saúde. Este abandono também está presente na necessidade de afastamento de toda a

comunidade, fruto da internação das mulheres na casa. O que foi confirmado pela conversa com a responsável pelo local. Será o isolamento social, o cuidado asilar, a internação a melhor abordagem para o tratamento de dependência química? Foram oferecidas alternativas?

Não sabemos se as mulheres internadas na Casa Terapêutica tiveram acesso a Prática de Redução de Danos (PRD), o que poderia ser uma alternativa mais humanizada e respeitosa do que a internação. Como Tedesco apresenta (2016), essa prática distancia-se da lógica proibicionista que tem como única meta a abstinência. Esta palavra nunca apareceu durante os nossos encontros tanto das mulheres quanto da equipe de acompanhamento. Observamos, no entanto, uma aparente troca por drogas lícitas (como a nicotina e cafeína) visto que antes de chegarmos, quase todas as mulheres seguravam cigarros em seus dedos e, ao finalizarmos as atividades, muitas delas se direcionavam a pequena área externa para acender outro cigarro.

A PRD, como Tedesco (2016) defende, segue uma orientação ética que oferece como caminho a prática de si, isto é, o estabelecimento da singularidade sem uma postura restritiva, mas sim de condições favoráveis a construção a partir de experiências compartilhadas, da ampliação de rede(s) e da prática da liberdade. Nessa linha, esses últimos fatores são essenciais para uma clínica antimanicomial das drogas. Fatores que carecem em muitos casos de acompanhamentos em casas terapêuticas.

Contudo, mesmo carecendo desses aspectos, percebemos um importante senso de comunidade que partia de interesses singulares. Afetos entre mulheres que estavam passando por situações similares e compreendiam umas às outras por ter um grande objetivo em comum: a recuperação. Percebemos que este objetivo era impulsionado por diferentes motivações: aprender, encontrar, experienciar, esperar, afetar entre outros que indicavam a singularidade de cada uma delas. A música *Como Uma Onda*, de Lulu Santos, foi escolha delas, os corações desenhados em cada cartaz construído foram artes delas, a história da

menina que venceu as drogas foi criação delas e a luta pela recuperação, reinserção social e contra o uso abusivo de álcool e outras drogas também é delas, porém, o sistema público de saúde não pode abandoná-las, discriminá-las e culpabilizá-las. O Projeto Geringonça seguirá produzindo brechas para o encontro a partir de convites espontâneos da comunidade, não julgaremos preconceituosamente o lugar, mas não esqueceremos as nossas defesas por uma educação e uma saúde antimanicomiais.

## Referências

FERRAZA, Daniele de A.; SANCHES, Raphael R.; ROCHA, Luiz C. da; JUSTO, José S. **Comunidades Terapêuticas em novas configurações do manicomialismo.** Estudos Contemporâneos da Subjetividade, Niterói, v. 7, n. 2, p. 363–375, 2017.

GAI, Daniele Noal; CAMILOTTI, Andressa Giroto; KROTH, Victória Jantsch. **NAVEGAR COM ARTE, SAÚDE MENTAL E EDUCAÇÃO ESPECIAL: VENTOS QUE MOVEM O PROJETO GERINGONÇA.** In: GAI, Daniele Noal; KASTRO, Karolyne de Oliveira. **Projeto Geringonça [Pedagogias da Diferença. Ecologias da Vida]:** escritas e memórias de experiências na formação de ludo-arte-educadores. Porto Alegre: UFRGS, 2022. p. 41–55.

GAI, Daniele Noal; KROTH, Victória Jantsch. **Pedagogias da diferença: Uma didática Cartográfica Inclusiva para Pensar a Escola Contemporânea.** In: KRAEMER, Graciele Marjana; LOPES, Luciane Bresciani; SILVA, Karla Fernanda Wunder da (org). **A educação das pessoas com deficiência: desafios, perspectivas e possibilidade.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 420–437.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços.** Tradução de Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. 270 p.

PODCAST GERINGONÇA. 3º Episódio. **Esperança** (Oficina de escrita coletiva e criativa, de Mulheres de uma Casa Terapêutica da Grande Porto Alegre). Disponível

em<<https://open.spotify.com/episode/4PKLJ2eSMS3GwHfP54Gpjp?si=22342239a5f2490d>> Acessado em: 21 de março de 2023.

TEDESCO, Silvia. Algumas considerações sobre a clínica das drogas. *In*: KASTRUP, Virgínia; MACHADO, Adriana M. (orgs.). **Movimentos Micropolíticos em Saúde, Formação e Reabilitação**. Curitiba: CRV, 2016. p. 79–91.

## 3.2

### Atenção à aprendizagem dos estudantes com deficiência: ações colaborativas entre educadores da sala de aula comum e educadores do Atendimento Educacional Especializado

Daniele Noal-Gai

#### **Introdução: uma pesquisa com narrativas docentes**

Este texto apresenta ponderações e afirmações a partir da pesquisa "Entre Artesanias da Diferença: Modos de Existir, Narrar e Aprender na Deficiência e na Loucura", da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Uma pesquisa iniciada no final do ano de 2019 a partir da busca de um encontro outro com escolas das redes de ensino de Porto Alegre/RS e região. Que encontro poderia ser proposto em uma Pesquisa em Educação Especial se não aquele com o acontecimento, com as narrativas, com os saberes de experiência, com a colaboração dos principais envolvidos no processo? Ao longo desta escrita não nos propomos a responder tal pergunta, mas a trazer resultados parciais significativos e merecedores de reflexão.

A Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva no Brasil, estruturou-se e organizou-se, a partir de movimentos das pessoas com deficiência, em documentos, diretrizes e inúmeros estudos acadêmicos. A necessidade de ampliação de pesquisas e análises se voltam para a aprendizagem das pessoas com deficiência, uma vez que o direito a estar na escola e receber um qualificado Atendimento Educacional Especializado lhes é garantido.

O Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 que dispõe sobre a Educação Especial, o Atendimento Educacional Especializado e dá outras providências diz que a União prestará apoio técnico e financeiro para a: “formação de gestores, educadores e demais profissionais da escola para a educação na perspectiva da educação inclusiva, particularmente na aprendizagem, na participação e na criação de vínculos interpessoais” (BRASIL, 2011, s/p). O que problematizaremos e demonstraremos sobre a educação das pessoas com deficiência, pelo menos neste texto, faz parte de uma pesquisa com docentes que atuam em escolas comuns da rede pública de ensino de Porto Alegre/RS.

A área de educação especial vem gradativamente ampliando-se em suas ações, esferas, públicos e limites de atuação, justamente porque o fazer pedagógico e o público atendido pela área mudaram. A área de educação especial foi ao longo de sua história deslocando a concepção sobre seu público-alvo, e, conseqüentemente, os processos mediadores, os fazeres docentes, os instrumentos e os recursos foram sendo atualizados.

Com a mudança das pessoas com deficiência e dos seus projetos de vida, a área de educação especial foi convocada a mudar. Uma área com prática assistencialista ou segregacionista não responde a esses projetos de vida. Também diante da garantia de direitos, da participação social, dos espaços ocupados pelas pessoas com deficiência, do acesso às instituições, aos atendimentos, aos recursos e aos serviços. Frente à contemporaneidade e outras éticas: a área de educação especial deverá, radicalmente, revisitar-se.

Os movimentos pela democracia, pela inclusão e não discriminação, foram intensos e amplamente defendidos pelos povos, sobretudo no Brasil fascistizado, nestes últimos anos (estamos em 2023). Os movimentos das pessoas com deficiência estiveram à frente das discussões nacionais diante dos absurdos, dos desmontes, descréditos, ineficiências, não apenas na área da

educação, mudando suas pautas e reivindicando o que coletivamente era imprescindível afirmar: a democracia.

No caso das pessoas com deficiência a discriminação pode ser distinta ou múltipla quando se é mulher ou homem, da zona rural ou da cidade, negra ou branca, pobre ou rica, homossexual ou heterossexual, possuir esta ou aquela deficiência, dentre outros. São componentes ou categorias sociais que, unidas, produzem uma forma de discriminação específica. Segundo, porque a incorporação da transversalidade exige uma capacidade metodológica de operar relações que sejam implicadamente interseccionais, ou seja, devemos evitar a análise de categorias identitárias enquanto uma “soma de opressões ou desigualdades”. (Coletivo Feminista Helen Keller, 2020, p. 32).

Mudaram os movimentos, mudamos como pessoas, as próprias pessoas individualmente foram convocadas a se repensar, as pessoas com deficiência, ativistas e seus ativismos mudaram, sendo assim, o público e os docentes da educação especial também mudaram ou mudarão sob forte pressão da atualidade. Frente a demanda da contemporaneidade a atuação, os processos e as práticas na área de educação especial também necessitam ser atualizados.

As políticas públicas de inclusão e suas respectivas ações acarretaram, nas últimas décadas, uma transformação radical nas propostas educacionais, terapêuticas e ocupacionais voltadas às pessoas com deficiências. Nessa trajetória, a Educação Especial vem gradativamente deslocando a concepção sobre seu público-alvo – e, conseqüentemente, sua esfera de atuação – da fragilidade (modelo médico-assistencialista) e dificuldade (modelo educacional) para o desenvolvimento, autonomia, competência e inclusão (que eu estou chamando de modelo psicossocial de autogestão). (GLAT, 2018, p.09).

Pensemos, então, em um outro público-alvo, obviamente composto por pessoas com deficiência, porém, com afirmado direito ao acesso, permanência e aprendizagem como estudantes de escola comum. As pessoas com deficiência modificaram-se pelos processos contemporâneos. Contudo, e as práticas em relação às pessoas com deficiência? E se perguntarmos sobre as práticas nos

espaços escolares, como professoras e professores vem se atualizando e revisitando suas práticas na direção afirmativa da educação especial na perspectiva da educação inclusiva? “A atuação docente é fator decisivo na aprendizagem. Indo mais além, a postura do professor e sua convicção sobre as possibilidades ou descrença no potencial de desenvolvimento do aluno determinará em grande parte seu encaminhamento pedagógico” (GLAT; ESTEF, 2021, p.161). Para mudanças estruturais são necessárias mudanças éticas, individuais e coletivas, tanto quanto mudanças políticas e estéticas, mobilizadoras da vida escolar.

A formação do profissional da Educação Especial precisa tomar uma dimensão, digamos assim, mais humanista, reconhecendo e legitimando as pessoas com deficiências como sujeitos capazes de – dados os suportes e oportunidades existenciais adequadas – construir conhecimentos, se desenvolver cognitivamente, acadêmica e socialmente, de modo a participar do mundo em sua volta. (GLAT, 2018, p.10).

A Política descreve, instrumentaliza e direciona, há quase duas décadas (2008–2023), a matrícula, a escolarização e o atendimento educacional especializado para as pessoas com deficiência:

As definições do público alvo devem ser contextualizadas e não se esgotam na mera categorização e especificações atribuídas a um quadro de deficiência, transtornos, distúrbios e aptidões. Considera-se que as pessoas se modificam continuamente transformando o contexto no qual se inserem. Esse dinamismo exige uma atuação pedagógica voltada para alterar a situação de exclusão, enfatizando a importância de ambientes heterogêneos que promovam a aprendizagem de todos os alunos. (BRASIL, 2008, p. 15)

ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. (BRASIL, 2008, p. 05)

A nossa intenção é colocar em destaque as narrativas das docentes colaboradoras desta pesquisa, ao mesmo tempo em que fundamentamos um ponto de vista teórico-metodológico cartográfico, a partir do qual olhamos com detalhes e analisamos os dados da pesquisa imersa na vida contemporânea. É necessário dizer que com a cartografia não apresentaremos o todo, partes, fragmentos, tampouco comparações. Com a metodologia cartográfica sustentamos encontros vivos, intensivos, permanentes, recorrentes, a longo prazo, com o campo de pesquisa, e destes encontros extraímos narrativas, complexidades, paradoxos, novidades, forças, vetores e arquivos, sobre os quais nos debruçamos em análises na pesquisa.

Cartografia como método. Método como ética. Método como filosofia, princípio e ciência. Cartografia, se tomarmos estudos de Deleuze e Guattari (2012) como referência, pode ser entendida como nômade, errante, rizomática - da multiplicidade, da diferença, do devir. Uma composição que pede ação e convoca intervenção. Um método que convoca, mexe, solicita que se faça pesquisa em meio à vida, com o corriqueiro, com o ordinário, com o previsível e, sobretudo, com inusitados e inesperados encontros. (GAI; KROTH, 2022, p. 425)

Assim, talvez, estamos nos afastando de uma abordagem de pesquisa que quer justapor os dados da pesquisa com inúmeras referências bibliográficas. Também nos liberamos da argumentação reconhecida e repetida em diferentes documentos da área de Educação Especial. Contudo, sentimos e expressamos nossas sensações e aprendizagens no movimento de cartografar a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva no período da pandemia de COVID-19 e dois anos após a volta das aulas presenciais nas escolas comuns públicas. Consideramos importante dizer que nossos encontros com colaboradores da pesquisa são chamados de Encontros de Artesanias. Momento em que aproveitamos para fazer perguntas pouco óbvias, afirmações poéticas, utilizamos rodas, construímos conjuntamente mapas, cartazes, imagens etc. Os disparadores de diálogo nem sempre se remetem ao que os colaboradores esperam de nós, pesquisadores. Chegamos a preparar a ambiência de uma sala

com cartazes que perguntavam: qual a sua loucura? O que te cura? Justamente em um espaço em que os profissionais da educação estavam tratando da medicalização da infância e da adolescência. Também produzimos cartazes com professoras do AEE juntamente com seus estudantes, pois julgamos um encontro propício para diálogos entre eles e que não geraria desconfortos: quais teus sonhos coletivos? Quais teus sonhos individuais? Perguntas que remetem aos modos de existir, aos modos possíveis de narrar-se e recompor-se também.

### **Arquivo - Marcadores despotencializadores da diferença (perspectivas observadas)**

A pesquisa realizada arquivou inúmeras narrativas sobre os estudantes com deficiência e seus processos de escolarização e aprendizagem na escola comum, e neste tópico trabalharemos com o que os docentes colaboradores expressaram sobre esta realidade. As narrativas se cruzaram com diálogos possíveis, ações pedagógicas, encontros de artesanias, encontros de estudos e debates, outras considerações registradas em diários narrativos, alguns depoimentos breves e problematizadores, foram demonstradas impressões, preocupações, iniciativas e esforços individuais e coletivos.

Com um recorte deste arquivo mostraremos o que é capturado por docentes em seus trabalhos na escola comum, tanto aqueles que atuam em sala de aula comum, em AEE, quanto na orientação, coordenação e gestão de escolas inclusivas. Trata-se de um arquivo com classificações, características, diagnósticos e os ditos marcadores da diferença:

<b>D</b>	<i>Afronta o professor, desrespeita colegas,</i>
<b>E</b>	<i>Desrespeita as combinações</i>

<b>S</b>	<i>Tem movimentos repetitivos, falas repetitivas</i>
<b>P</b>	<i>Se vitimiza</i>
<b>O</b>	<i>Não presta atenção, não se concentra,</i>
<b>T</b>	<i>Não fica atento às explicações, a atenção é oscilante e vacilante, sem atenção, déficit de atenção</i>
<b>E</b>	<i>Incapaz de avançar em seus estudos, incapaz de concluir a escolarização,</i>
<b>N</b>	<i>Incapaz cognitivamente, incapaz de aprender,</i>
<b>C</b>	<i>Tem uma deficiência</i>
<b>I</b>	<i>Incapaz de ter uma vida autônoma</i>
<b>A</b>	<i>Faz muitas perguntas, é questionador, é indisciplinado</i>
<b>L</b>	<i>Não para na classe,</i>
<b>I</b>	<i>Não se comporta</i>
<b>Z</b>	<i>Falta material escolar, falta o pai, falta o alimento</i>
<b>A</b>	<i>Déficit cognitivo, falta concentração</i>
<b>D</b>	<i>Faltas recorrentes, infrequência</i>
<b>O</b>	<i>Não aprende</i>

<b>R</b>	<i>Queixas e rótulos determinantes da sua autoestima</i>
----------	--

(Tabela 1: Narrativas diagnósticas pejorativas. Arquivo da Pesquisa e da Autora)

Trata-se de um arquivo com modos despotencializadores das pessoas, dos seus modos de existir, dos seus modos de aprender e dos seus modos de se relacionar na vida e na escola. O encontro com tais narrativas vem sendo recorrente, repetitivo, exclamativo. Alguns docentes falam das "faltas recorrentes, infrequência", preocupados com a participação dos estudantes nas aulas e do cotidiano escolar? Sim, nos casos em que os professores afirmam a inclusão escolar e as ações colaborativas entre docentes. Em alguns casos a resposta é não, uma vez que sabemos que a preocupação é pela necessidade de apontar fracassos, dificuldades e culpados. Ao distrair-se com a ausência do estudante, o professor esquece do desafio da escola para todos.

### **Arquivo - Artesanias da diferença (diálogos possíveis)**

Em contrapartida, diferentemente dos enunciados produzidos em uma acelerada busca por modos de dizer sobre a deficiência, encontramos modos outros de contar sobre aquele que tem uma deficiência e que está em processo de escolarização em escola comum. As narrativas e os gestos potencializadores de aprendizagens e descobertas foram narrados por alguns docentes, especialmente aqueles que falavam sobre as suas próprias práticas, os seus encantamentos e descobertas no espaço escolar colaborativo. A partir da cartografia foi construído um outro arquivo, um conjunto de dados e algumas possibilidades para algo importante no cenário da educação especial na perspectiva da educação inclusiva: a atenção à aprendizagem dos estudantes com deficiência:

<b>A</b>	<i>Ser presença, ser afeto, partilhar encontros alegres</i>
<b>R</b>	<i>Trabalho colaborativo entre docentes de diferentes turmas dos anos iniciais</i>
<b>T</b>	<i>Projetos interdisciplinares entre docentes e convidados externos</i>
<b>E</b>	<i>Ações entre sala de aula comum e sala de recursos</i>
<b>S</b>	<i>Encontros entre turmas e trabalho de tutoria entre estudantes</i>
<b>A</b>	<i>Passeios acadêmicos, visitas aos pontos históricos do bairro e da cidade...</i>
<b>N</b>	<i>Fotografia, rádio, filmagens e vídeos como recursos para a aprendizagem e acessibilidade</i>
<b>I</b>	<i>Trabalho colaborativo entre docentes e turmas na pandemia</i>
<b>A</b>	<i>Amizade no trabalho e afirmação do trabalho coletivo</i>

(Tabela 2: Narrativas docentes. Arquivo da Pesquisa e da Autora)

Neste quadro, no arquivo acima, onde estão os estudantes com deficiência e suas necessidades? Será que ao fazermos este recorte estamos esquecendo quais são as adaptações curriculares, de avaliação e de objetivos, que são importantes para o planejamento e agenciamento da escolarização deste estudante? Talvez o que o quadro retrata leve o leitor (a) a pensar, nesta pesquisa as narrativas docentes nos levaram a pensar que temos mais possibilidades de invenção de percursos, de novos projetos de futuro, de aulas magistrais, quando nos desafiamos a não estarmos sós, não estarmos sozinhos em uma docência cansada e atrapalhada por códigos, cobranças, diagnósticos e

rótulos. Estes casos e relatos, potenciais e colaborativos, transversais e contextualizados, são da ordem do cotidiano de sala de aula, e são simples em suas proposições, contudo, mostram a complexidade de se fazer uma aula que seja efetivamente para todos, seja para todos os docentes, seja para todos os estudantes, ainda mais desafiador ser algo comum e animador para docentes e estudantes ao mesmo tempo.

Os marcadores da diferença devem ser desconsiderados quando inferiorizam uma pessoa, tanto por docentes quanto por familiares e profissionais que oferecem atenção e cuidado em saúde. Quando a diferença é apontada para demarcar e marcar uma pessoa com deficiência de forma capacitista, também é obrigação repensarmos e não naturalizarmos tal vocabulário, gramática, manual, bibliografia, impressão ou atitude. Afirmar a diferença em si, é tratar da deficiência de forma potencial, considerando os corpos como potência (RODRIGUES; GAI, 2016). Impossibilidades, dificuldades, limitações e incapacidades são próprias deste tempo, desafio coletivo, um entrave psicossocial para uma grande parte da população, e são características e atos a serem problematizados na sociedade amplamente, uma vez que os sistemas e instituições que estruturam éticas, políticas e estéticas são excludentes.

### **Algumas possibilidades e considerações finais**

Desta forma, a área de educação especial na perspectiva da educação inclusiva, dentro do campo da educação, é aquela que se dedica à aprendizagem da pessoa com deficiência, com a mediação colaborativa dos processos de escolarização, que se dão transversalmente, desde a educação infantil até o ensino superior. Afirmação que encontramos entre as mais de 50 docentes que nos encontramos ao longo dos anos de 2020 a 2023 com a intenção de perguntarmos sobre os modos de aprender com a deficiência. A pesquisa *Entre Artesanias da Diferença* seguirá coletas de dados e divulgação dos resultados no

ano de 2024, e desde já aponta para mudanças na mudança na área de Educação Especial no sentido da qualificação da formação e o investimento em políticas públicas que garantam aos docentes carga horária para planejamento e fazer docente colaborativo.

### Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, que dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências**. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, DF, 2015.

Coletivo Feminista Helen Keller. **Mulheres com deficiência: garantia de direitos para exercício da cidadania**. 2020. Disponível em: [https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPID/publicacoes/12359\\_guia\\_feminista\\_helen\\_keller\\_mulheres\\_com\\_deficiencia\\_.pdf](https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPID/publicacoes/12359_guia_feminista_helen_keller_mulheres_com_deficiencia_.pdf)

GAI, Daniele Noal. **Ética (Viva) do Brincar**. Curitiba: CRV, 2021.

GAI, Daniele Noal. **Narrativas médicas: Como produzir fugas e/ou rasgos na medicalização da infância e na medicalização da adolescência?** (2021). Disponível em: <https://revista.ghc.com.br/index.php/cadernosdeensinoepesquisa/article/view/10>.

GAI, Daniele Noal. **Arte relacional inclusiva (por uma escrita com a deficiência e com a loucura)**. (2022). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/68459>.

GAI, Daniele Noal; KROTH, Victória Jantsch. Pedagogias da diferença: Uma didática Cartográfica Inclusiva para Pensar a Escola Contemporânea. In: KRAEMER, Graciele Marjana; LOPES, Luciane Bresciani; SILVA, Karla Fernanda Wunder da (org). **A educação das pessoas com deficiência: desafios, perspectivas e possibilidade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

GLAT, Rosana; ESTEF, Suzanli. **Experiências e Vivências de Escolarização de Alunos com Deficiência Intelectual**. (2021). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/C96ZQ9VXVPKRdmHjf4LScht/?format=pdf&lang=pt>.

GLAT, Rosana. **Desconstruindo Representações Sociais: por uma Cultura de Colaboração para Inclusão Escolar**. (2018). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/46TchI98ZcyvZ3Xb5X7ZkFy/?lang=pt>

RODRIGUES, Elisandro; GAI, Daniele Noal. **Atendimento Educacional Especializado e Atelier Pedagógico (Entre deficiência potencial e arte potencial)**. (2016). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170552/001005359.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

## **SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES**

### **Ágata Prates Pedroso**

Aluna egressa do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi bolsista PIBIC/UFRGS nos anos de 2021 e 2022 e bolsista de extensão em 2023 no Projeto de Pesquisa e Extensão Entre: Artesanias da Diferença.

### **Alice Teixeira de Freitas**

Aluna egressa do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou o seu estágio curricular durante o Ensino Remoto Emergencial e foi estagiária no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

### **Ana Paula Vanoni Klein**

Aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou o seu estágio curricular durante o Ensino Remoto Emergencial.

### **Ariane Hoffmann**

Aluna do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi bolsista BICFEM/UFRGS entre 2021 e 2023 no Projeto de Pesquisa e Extensão Entre: Artesanias da Diferença.

### **Daniel Racheli**

Professor da rede estadual de educação. Preceptor do programa de Residência Pedagógica - UFRGS. Graduado em Ciências Biológicas e Mestre em Psicologia Social e Institucional.

### **Daniele Noal-Gai**

Educadora Especial pela Universidade Federal de Santa Maria. Docente da Faculdade de Educação UFRGS. Doutora em Educação. Líder do Projeto Geringonça [Pedagogias da Diferença. Ecologias da Vida] e Coordenadora da pesquisa-extensão Entre: Artesanias da Diferença.

**Jéferson Alves**

Autodeclarado pessoa deficiente. Escritor. Doutorando em Antropologia Social na UFRGS e especializado em Psicanálise.

**Júlia de Albuquerque Schames**

Aluna egressa do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou o seu estágio curricular durante o Ensino Remoto Emergencial.

**Júlia Soares Fermiano**

Aluna do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi bolsista de extensão entre 2021 e 2022 no Projeto de Pesquisa e Extensão Entre: Artesanias da Diferença.

**Katia Vielitz Almeida**

Aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Larisa Bandeira**

Docente da Faculdade de Educação UFRGS. Mestre e Doutora em Educação pela UFRGS.

**Marlete Andrize de Oliveira**

Terapeuta Ocupacional pela UFSM. Doutorando em Terapia Ocupacional pela UFSCAR. Mestra em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. Tem especialização em Saúde Mental Coletiva pela UFRGS.

**Martha Elena Guedes**

Graduada em Artes Visuais, habilitação em desenho, licenciada em Educação Artística e com especialização em Educação de jovens e adultos pela UFRGS. Artista plástica, arte Educadora, oficinaira, artesã, carnavalesca e jurada de carnaval.

**Miriam Chiara Coelho Pavan**

Aluna egressa do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi bolsista no Projeto de Pesquisa e Extensão Entre: Artesanias da Diferença entre os anos de 2021 e 2022.

**Paula Cadore**

Terapeuta Ocupacional pela UFSM e especialista em Saúde Mental Coletiva (ESP/RS).

**Rafaela Ayumi Hoshi**

Aluna egressa do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou o seu estágio curricular durante o Ensino Remoto Emergencial.

**Rute Adriane Schaab**

Aluna egressa do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi bolsista de extensão do Projeto Geringonça [Pedagogias da Diferença. Ecologias da Vida] entre os anos de 2021 e 2023.

**Willian Domenique Campos dos Santos**

Aluno do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi bolsista de extensão do Projeto Geringonça [Pedagogias da Diferença. Ecologias da Vida] entre os anos 2022 e 2023 e atualmente é bolsista PIBIC/UFRGS no Projeto de Pesquisa e Extensão Entre: Artesanias da Diferença.



# ENTRE- CONTROS

INTERPOSIÇÕES ENTRE SAÚDE, ARTE E EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Av. Paulo Gama, s/n, Farroupilha - Porto Alegre/RS  
CEP: 90046-900

Telefone: (51) 3308-3985

[comunicacaofaced@ufrgs.br](mailto:comunicacaofaced@ufrgs.br)

[bibfaced@ufrgs.br](mailto:bibfaced@ufrgs.br)

[entreatesantias@gmail.com](mailto:entreatesantias@gmail.com)

[@entre.artesantias](https://www.instagram.com/entre.artesantias)